UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
CAMPUS MORRO DO CRUZEIRO - ESCOLA DE MINAS
GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

ELLEN MARIA FERNANDES PAPA

MODOS DE PRODUZIR E VIVER NO BOTAFOGO: UMA ANÁLISE DOS ESPAÇOS E DINÂMICAS NO TERRITÓRIO RURAL DE OURO PRETO

OURO PRETO
2026

ELLEN MARIA FERNANDES PAPA

MODOS DE PRODUZIR E VIVER NO BOTAFOGO: UMA ANÁLISE DOS ESPAÇOS E DINÂMICAS NO TERRITÓRIO RURAL DE OURO PRETO

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel(a) em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profª. Dra. Ana Paula Silva de Assis

OURO PRETO

2026

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE MINAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Ellen Fernandes Papa

Modos de produzir e viver no Botafogo: Uma análise dos espaços e dinâmicas no território rural de Ouro Preto

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Arquiteto e Urbanista

Aprovada em 23 de julho de 2026

Membros da banca

Dra. Ana Paula Silva de Assis - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Dra. Liliane Marcia Lucas Sayegh - Universidade Federal de Ouro Preto
Ms. Thiago Duarte Flores - Universidade Federal de Ouro Preto

Ana Paula Silva de Assis, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 30/07/2026

Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Silva de Assis**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/09/2026, às 10:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0 , informando o código verificador **1190070** e o código CRC **EE8F8F63**.

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: 3135591594 - www.ufop.br

AGRADECIMENTOS

Aos meus avós, que escolheram Botafogo como o lugar para firmarem suas raízes e construírem sua história. Foi por meio deles que também construí a minha relação com esse território.

Aos meus pais, por todo o amor, apoio e dedicação ao longo da minha vida. Obrigada por acreditarem em mim e me proporcionarem uma educação baseada no respeito, na honestidade e na valorização do conhecimento e por sempre me incentivarem a buscar os meus sonhos.

A toda a minha família, por sempre estarem ao meu lado, acreditando em mim e celebrando comigo cada conquista. Em especial, à minha madrinha, Dávine, e às minhas primas, Júlia, Letícia, Maria Eduarda e Nathália, pela amizade, pelo carinho, pelas conversas e por estarem presentes em tantos momentos importantes da minha vida.

Aos meus amigos da Arquitetura, especialmente à Carla, à Luana e ao Victor, que estiveram comigo durante toda a graduação e compartilharam cada momento dessa fase.

À UFOP, pelo ensino público, gratuito e de qualidade, que tornou possível minha formação acadêmica e ampliou minha compreensão sobre a arquitetura, o urbanismo e seu compromisso com a sociedade.

A todos os professores que fizeram parte da minha trajetória, desde a educação básica até a graduação e, de maneira especial, aos professores do DEARQ. Obrigada por cada ensinamento, incentivo e exemplo. Cada um, à sua maneira, contribuiu para a pessoa e para a profissional que estou me tornando, despertando em mim a curiosidade, o pensamento crítico e o desejo constante de aprender.

À minha orientadora, Ana, pela paciência, pelas conversas e pelos ensinamentos compartilhados. Obrigada pela dedicação, pelo apoio e pela orientação durante o desenvolvimento deste trabalho.

Aos moradores de Botafogo, que gentilmente se disponibilizaram e dedicaram seu tempo para conversar comigo, compartilhar suas histórias, memórias e experiências.

RESUMO

Este estudo investiga as dinâmicas socioespaciais, a memória e a identidade do distrito rural de Botafogo, em Ouro Preto – MG. A pesquisa utiliza a história oral, por meio de entrevistas com moradores e trabalhadores locais, para documentar modos de vida, a apropriação do espaço e saberes tradicionais. O trabalho destaca a relação íntima da comunidade com a paisagem natural e construída, ressaltando a importância de salvaguardar o patrimônio cultural e a memória habitada. Diante das pressões extrativistas contemporâneas que alteram a morfologia da região, a pesquisa propõe uma reflexão sobre a urgência da preservação do patrimônio material e imaterial, buscando valorizar a história e as vivências das pessoas que constroem a identidade do distrito.

Palavras-chave: Botafogo; Ouro Preto; Práticas cotidianas; Memória e Identidade; Preservação do Patrimônio, Saberes Tradicionais; Dinâmicas Sócio-espaciais.

ABSTRACT

This study investigates the socio-spatial dynamics, memory, and identity of the rural district of Botafogo, in Ouro Preto – Minas Gerais. The research utilizes oral history, through interviews with local residents and workers, to document ways of life, the appropriation of space, and traditional knowledge. The work highlights the community's intimate relationship with the natural and built landscape, emphasizing the importance of safeguarding cultural heritage and inhabited memory. In light of contemporary extractive pressures that alter the region's morphology, the research proposes a reflection on the urgency of preserving tangible and intangible heritage, seeking to value the history and experiences of the people who construct the district's identity.

Keywords: Botafogo; Ouro Preto; Everyday Practices; Memory and Identity; Heritage Preservation; Traditional Knowledge; Socio-spatial Dynamics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa dos distritos de Ouro Preto.....8
Figura 2: Vista aérea – Ouro Preto, Botafogo..... 9
Figura 3: Vista aérea da Serra do Botafogo. Fotografia de Líria Barros..... 10
Figura 4: Mapa dos aquíferos presentes em Botafogo.....11
Figura 5: Mapa topográfico de Ouro Preto datado de 1928 com a indicação da localidade Botafogo..... 13
Figura 6: Muros de pedra que até hoje podem ser encontrados na região de Botafogo... 14
Figura 7: Capela de Santo Amaro..... 16
Figura 8: Interior da Capela de Santo Amaro.....17
Figura 9: À esquerda da imagem, é possível ver a edificação onde funcionava a escola. A casa paroquial se encontra ao lado..... 18
Figura 10: Festa de Santo Amaro. 2025.....20
Figuras 11 e 12: Procissão, que ocorre durante a festa, em homenagem a Santo Amaro..... 21
Figura 13: Recorte do Mapa de Zoneamento Urbano de Ouro Preto..... 28
Figura 14: Imagem de uma das “ruas” de Botafogo.....29
Figura 15: Cotidiano em Botafogo..... 32
Figura 16: Fotografia, de um grupo de pessoas, tirada em Botafogo. Agosto de 1968. 34
Figura 17: Sr. Joaquim em seu “quartinho de benzer”..... 37
Figura 18: Entrada para o Apiário Flores.....38
Figura 19: Élcio, ceramista..... 39
Figura 20: Algumas das colmeias, localizadas no meio da mata.....44
Figura 21: Construção onde Ângelo iniciou o trabalho de apicultor..... 45
Figura 22 e 23: Sala de extração e limpeza do mel..... 46
Figura 24 e 25: Lojinha onde são comercializados os produtos do apiário.....47
Figura 26: Forno a lenha, para a queima de grandes quantidades de peças..... 49
Figura 27: Favo de mel para ser extraído.....51
Figura 28, 29 e 30: Algumas peças de cerâmica produzidas pelo Élcio..... 52
Figuras 31, 32 e 33: Algumas plantas exóticas encontradas pela Shirley.....55
Figura 34: Materiais usados na benzeção.....57
Figura 35 e 36: Artigos religiosos..... 58

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO..... 1

2. CARACTERIZAÇÃO TERRITORIAL..... 5

2.1. A formação territorial do município de Ouro Preto..... 5

2.2. Caracterização territorial da localidade de Botafogo..... 7

2.3. A construção histórica do lugar..... 10

2.4. Contexto socioeconômico e infraestrutura atual..... 20

3. O PLANEJAMENTO MUNICIPAL E O TERRITÓRIO RURAL..... 24

3.1. Análise do Planejamento Municipal de Ouro Preto..... 24

3.2. A complexidade do rural..... 27

4. TÁTICAS DE PERMANÊNCIA..... 33

4.1. A entrevista..... 38

4.2. Táticas de permanência..... 39

4.3. A matéria, o tempo e a comunidade..... 48

4.4. A perspectiva do morador comum..... 57

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 60

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 63

APÊNDICE..... 65

Apêndice 1 - transcrição da entrevista com o Sr. Joaquim..... 65

Apêndice 2 - transcrição de uma segunda conversa com o Sr. Joaquim..... 70

Apêndice 3 - transcrição da entrevista com o Ângelo..... 78

Apêndice 4 - transcrição da entrevista com o Élcio..... 82

Apêndice 5 - transcrição da entrevista com a Shirley..... 90

Apêndice 6 - Declaração de IAGen e tecnologias assistidas por IAGen no processo de escrita científica..... 99

Apêndice 7 - Aprovação do Comitê de Ética..... 100

1. INTRODUÇÃO

O estudo do Botafogo, subdistrito rural do município Ouro Preto, se justifica pela necessidade de valorizar e compreender as diversas formas de se relacionar com o espaço que se desenvolvem fora da lógica urbana, e que são muitas vezes invisibilizadas por planejamentos institucionais e por políticas públicas que não atendem plenamente a essas localidades. Em um contexto onde as transformações territoriais são cada vez mais aceleradas, motivadas por pressões externas, pela expansão de atividades econômicas extrativistas, como a mineração que atualmente ameaça a região, e pela urbanização acelerada, torna-se necessário olhar para áreas rurais e rurourbanas com sensibilidade, reconhecendo nelas uma organização própria, coerente com o lugar, a cultura e os saberes locais.

Botafogo representa uma realidade que foge das generalizações urbanas. A relação dos moradores com a terra, com o lugar e com a vizinhança seguem lógicas que não são encontradas nos centros urbanos. A presença crescente de atividades minerárias na região, por sua vez, acirra conflitos e ameaça a permanência dessas formas de habitar, alterando paisagens e modos de vida construídos historicamente. Diante desse cenário, este trabalho argumenta que os modos de viver em Botafogo são marcados por uma contradição, visto que ao mesmo tempo em que a comunidade produz um espaço rico em saberes e tradições, ela é submetida a uma "cidadania mutilada" (SANTOS, 2007), consequência de sua invisibilidade nos instrumentos de planejamento urbano e regional formal do município. Essa condição mostra como a ausência de políticas públicas eficazes não apenas precariza a vida, mas também ameaça a própria existência de modos de habitar não hegemônicos.

A escolha do tema também se justifica não só pela escassez de estudos voltados para a região no âmbito da Arquitetura e Urbanismo, mas também pela necessidade de mostrar Botafogo através de uma visão mais sensibilizada, que foge dos interesses econômicos que o circundam. Ao colocar em foco o cotidiano e a espacialidade de um território rural, esta pesquisa busca contribuir para a ampliação

do olhar sobre essas áreas, propondo uma leitura crítica que vai além dos aspectos técnicos da edificação e do planejamento urbano e passa a enxergar o morar como uma prática social e cultural enraizada no território.

Por fim, este trabalho nasce de um vínculo pessoal com Botafogo, território onde meus avós firmaram suas raízes há mais de seis décadas e onde meu avô, Joaquim, segue residindo, sendo um lugar que frequento desde a infância. Acredito que, no campo da Arquitetura e Urbanismo, o vínculo com o local colabora com a pesquisa e funciona como um instrumento importante de análise. Por isso, ter crescido vivenciando o cotidiano dessa comunidade educou o meu olhar para enxergar as potências, as dinâmicas sociais e a riqueza espacial que caracterizam a região, além de reconhecer como o espaço é genuinamente apropriado e transformado pelas pessoas no dia a dia.

É essa relação com o território que me permite acessar o espaço em sua essência e compreender as sutilezas, os afetos e as táticas diárias que sustentam a vida do lugar. O objetivo é traduzir essas vivências pessoais em conhecimento, dando visibilidade a um espaço que é construído, antes de tudo, pelas pessoas. Assim, a pesquisa parte de uma relação pessoal com o espaço, sendo guiada pela vivência de quem pertence ao território.

É justamente por esse olhar direcionado às potências e à vivência local que se faz necessário um apontamento sobre a atual conjuntura da região. Sabe-se que o Botafogo encontra-se hoje cercado e pressionado pelo avanço das atividades minerárias, uma realidade inegável e um fator de forte tensão territorial. Entende-se a importância de debater e tratar desses assuntos, e é inviável que o tema não seja citado nesse trabalho, considerando o cenário atual. Porém, ainda que mencionado ao longo do texto, é importante ressaltar que a mineração não constitui o objeto central desta pesquisa.

A escolha de não centralizar o debate no extrativismo mineral é uma decisão pessoal e metodológica consciente, que busca evitar que a localidade seja reduzida apenas à condição de 'território ameaçado'. Compreende-se que a existência da

comunidade não se resume àquilo que a ameaça. Portanto, o foco deste trabalho permanece nas pessoas, nas suas práticas cotidianas e na riqueza de seus modos de viver, habitar e produzir, sob a premissa de que documentar, valorizar e dar visibilidade à vida que resiste no espaço é, por si só, uma postura de resistência contra o apagamento da riqueza das relações que constituem a prática cotidiana do território.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender os modos de vida no subdistrito de Botafogo, analisando suas características espaciais, sociais e culturais em articulação com as políticas urbanas municipais. Busca-se identificar os vínculos que marcam o modo de habitar da comunidade e contribuir para a valorização de práticas de morar vinculadas à terra, ao trabalho, à memória e à identidade local.

Para realizar os objetivos propostos, a construção deste trabalho baseou-se em uma abordagem metodológica qualitativa, aliada a uma perspectiva autoetnográfica, permitindo que a vivência da pesquisadora atuasse como um instrumento válido de leitura espacial. A pesquisa combina a análise documental de mapas e do planejamento municipal com a pesquisa de campo, vivências e memórias pessoais, que possibilitaram identificar as táticas diárias de sobrevivência no território.

Este trabalho está estruturado em três capítulos principais, além desta introdução. O primeiro capítulo realiza a caracterização aprofundada de Botafogo, discutindo sua formação territorial no contexto de Ouro Preto, a construção histórica e afetiva do lugar, além de traçar um panorama do seu contexto socioeconômico e da infraestrutura atual.

O capítulo seguinte elabora uma crítica ao planejamento municipal de Ouro Preto, denunciando a invisibilidade institucional de Botafogo nos mapas e planos diretores. Além disso, propõe-se uma reflexão crítica sobre a complexidade da categoria de zoneamento "rural", contrapondo a visão administrativa à realidade do espaço vivido pela comunidade.

O terceiro capítulo foca nas "Artes de Fazer" locais e na perspectiva do morador comum. A partir das entrevistas, o capítulo explora como os ofícios tradicionais e a prática cotidiana funcionam como táticas espaciais de subversão. Demonstra-se como as dinâmicas cotidianas operam como infraestruturas de resistência que sustentam a permanência da comunidade frente às omissões do Estado e às ameaças extrativistas externas.

Por fim, as considerações finais retomam os principais pontos da pesquisa, promovendo um diálogo entre o planejamento urbano formal e as singularidades dos modos de viver e produzir no Botafogo, reforçando a importância de um olhar mais sensível às múltiplas formas de habitar e de produzir a ruralidade contemporânea.

2. CARACTERIZAÇÃO TERRITORIAL

Neste capítulo será apresentado o cenário onde esta pesquisa se desenvolve: a localidade de Botafogo. Será feito um resgate da formação espacial da comunidade para entender as suas raízes e a sua geografia, além de explorar a relação de seus moradores com a paisagem, a organização do espaço rural e as dinâmicas sociais.

2.1. A formação territorial do município de Ouro Preto

A cidade de Ouro Preto, situada na região central de Minas Gerais, tem suas origens ligadas à intensa atividade mineradora que marcou o final do século XVII e o início do século XVIII no território das Minas Gerais. Inicialmente, a ocupação da região que, até então, se chamava Vila Rica se deu nas margens dos rios, onde havia mais ouro, e nos morros que circundavam a cidade, onde se encontravam muitas minas. A região foi formada a partir de arraiais que ocupavam as encostas, onde haviam capelas e extensas áreas mineradoras (BOHRER, 2011).

A organização territorial de Ouro Preto esteve sempre ligada às dinâmicas econômicas e sociais do ciclo do ouro. Diversos núcleos urbanos foram se constituindo ao redor da sede principal, muitos deles como consequência direta da exploração mineral ou da formação de rotas comerciais e caminhos coloniais. Com o passar do tempo, essas localidades passaram a se configurar como distritos administrativos, consolidando uma divisão territorial que reflete características culturais, econômicas e sociais próprias.

Atualmente, o município de Ouro Preto é composto por 12 distritos oficialmente reconhecidos: Amarantina, Antônio Pereira, Cachoeira do Campo, Engenheiro Corrêa, Glaura, Lavras Novas, Miguel Burnier, Rodrigo Silva, Santo Antônio do Leite, Santa Rita de Ouro Preto, Santo Antônio do Salto, São Bartolomeu e o distrito-sede, Ouro Preto (fig. 1). Cada um desses distritos possui trajetórias históricas distintas, com origens que remontam, em muitos casos, ao período colonial, vinculadas à mineração, à agricultura ou à sua posição estratégica no sistema viário que estruturava o local.

Figura 1: Mapa dos distritos de Ouro Preto.

Fonte: Prefeitura de Ouro Preto.

Dentro desse contexto, Botafogo se destaca como um dos territórios que compõem o distrito-sede, carregando características próprias que se conectam tanto com a história mais ampla de Ouro Preto, quanto com dinâmicas locais particulares. A origem do local, suas transformações ao longo dos anos e as formas atuais de organização social e espacial não podem ser vistas de forma isolada, pois fazem parte de uma lógica territorial mais ampla, marcada pela ocupação histórica da região, pelos modos de vida, pelas práticas produtivas e pelas relações entre centro e periferia dentro do município.

Compreender o Botafogo, portanto, exige mais do que uma análise pontual das suas características físicas ou sociais. É necessário ampliar o olhar para

entender como o espaço foi apropriado ao longo do tempo. Para isso, é preciso conhecer o objeto de estudo e como ele se situa em Ouro Preto.

2.2. Caracterização territorial da localidade de Botafogo

Botafogo fica a aproximadamente 10 km do centro de Ouro Preto, na Rodovia dos Inconfidentes, às margens da BR 356 (fig. 2), a cerca de 15 minutos de carro do centro histórico. Apesar de estar próxima ao centro urbano de Ouro Preto, Botafogo conserva uma identidade tradicionalmente rural. Inserido na região do Quadrilátero Aquífero-Ferrífero, o território é caracterizado pelo relevo acidentado, remanescentes de Mata Atlântica e campos rupestres; com vales e encostas que influenciam diretamente sua ocupação e configuração urbana, compondo um cenário que molda a forma como o território é vivido e organizado.

Figura 2: Vista aérea – Ouro Preto, Botafogo.

Fonte: Google Earth, 2025.

Apesar da facilidade de acesso proporcionada pela rodovia, Botafogo permanece longe dos processos intensos de urbanização, o que contribui para a

preservação de modos de vida tradicionais e de uma organização territorial própria. As dinâmicas locais mostram vínculos com o ambiente natural e com práticas culturais que, até então, se mantém preservadas, mesmo diante das transformações socioeconômicas e do crescente interesse externo pela valorização da região.

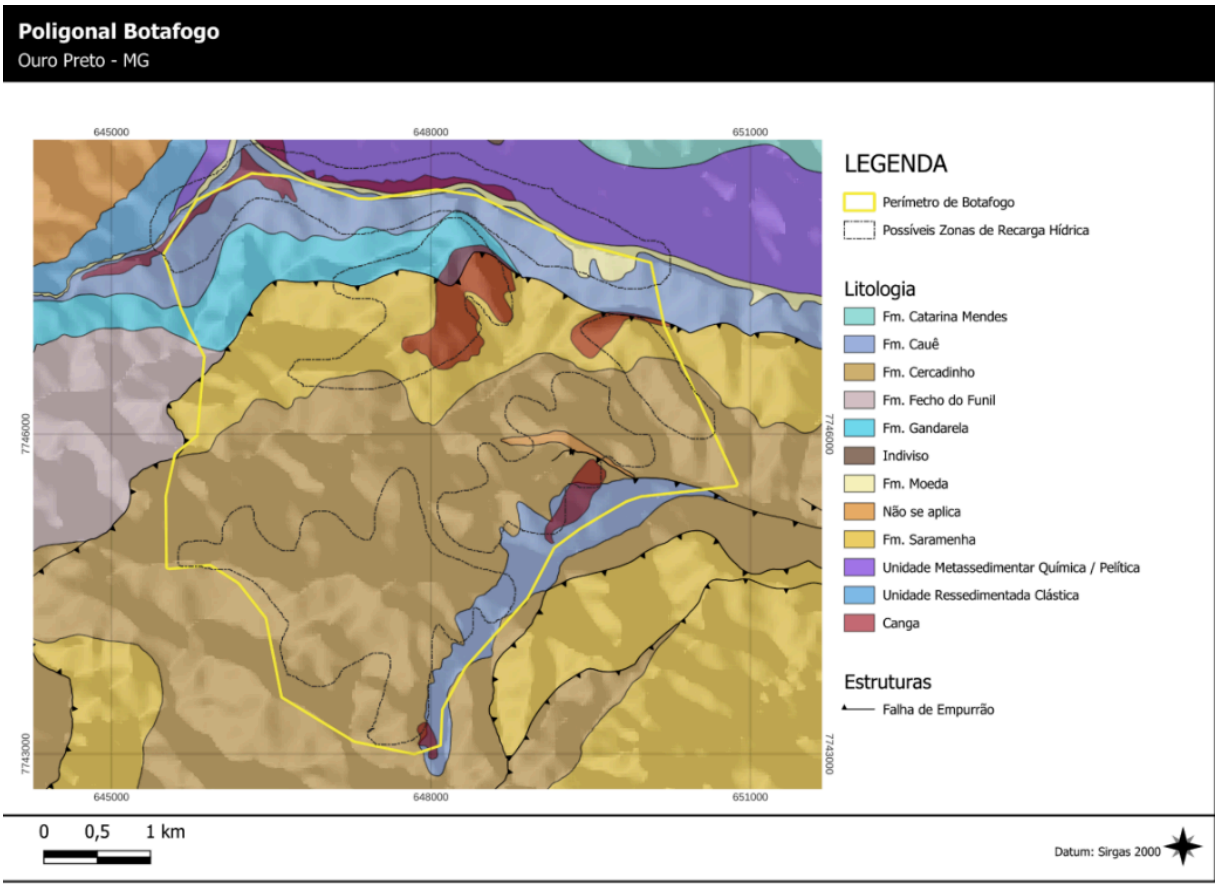
Essa organização territorial está diretamente ligada à sua paisagem natural. A localidade é cercada por serras como a Serra do Amolar, Serra do Veloso, Serra do Siqueira e a antiga Serra da ‘Caxoeira’, formando um conjunto paisagístico de relevância ambiental, histórica e cultural para o município. A Serra do Botafogo (fig. 3) é considerada um patrimônio inestimável pelo seu valor histórico e cultural, e também por sua importância ambiental. A região é rica em recursos naturais, incluindo áreas de preservação de vegetação nativa, remanescentes da Mata Atlântica e campos rupestres (ECHTERNACHT, 2026). Botafogo abriga fragmentos significativos deste bioma, protegido por legislação federal.

Figura 3: Vista aérea da Serra do Botafogo. Fotografia de Líria Barros.

Fonte: Brasil de Fato (2025).

A região abastece importantes bacias hidrográficas de Minas Gerais, sua formação geológica, a canga, é responsável pela recarga hídrica dos aquíferos do Cauê, Cercadinho e Gandarela (fig. 4), que abastecem as bacias dos rios Doce e São Francisco (COSTA, 2024). As diversas nascentes que do seu entorno alimentam diretamente o Córrego Funil, responsável pelo abastecimento de várias comunidades nos arredores de Ouro Preto. O distrito conserva também cachoeiras, sistemas antigos de captação de água com regos e canais em alvenaria de pedra e antigas fazendas.

Figura 4: Mapa dos aquíferos presentes em Botafogo.



Fonte: Costa et al. (2024, p.11).

Nesse contexto, em 2023, a Assembleia Legislativa de Minas Gerais reconheceu a importância e o valor da região ao aprovar o Projeto de Lei nº 1116/2023, que declara a Serra do Botafogo como patrimônio ambiental, histórico,

cultural, religioso, turístico, paisagístico, hídrico e social do estado, em suas dimensões material e imaterial. Tal reconhecimento reforça o papel da região, que conta com elementos narradores tanto da história local quanto de aspectos fundamentais do período colonial brasileiro, consolidando a importância da localidade no contexto de Ouro Preto através da união de seus valores histórico, cultural, ambiental e territorial.

2.3. A construção histórica do lugar

A localidade de Botafogo foi uma das primeiras a surgir em Ouro Preto. Acredita-se que tenha surgido no final do século XVII, após a descoberta de ouro no Rio das Velhas em 1693. Em mapas datados de 1928, é possível encontrar registros que comprovam a ocupação da região desde antes desse período (fig. 5). Ainda, de acordo com registros, o lugar onde hoje se encontra o Botafogo ligava a antiga Vila Rica até Cachoeira do Campo (AMARO e REDINI, 2015, *apud* CARNEIRO, 2020).

Figura 5: Mapa topográfico de Ouro Preto datado de 1928 com a indicação da localidade Botafogo.

Fonte: Arquivo Público Mineiro.

A origem do nome do povoado carrega em si a marca da relação entre o território e seus elementos naturais. Inicialmente conhecido como Santo Amaro, o local passou a ser chamado de Botafogo, e relatos de moradores apontam que esse nome se deu devido à presença expressiva da pedra de canga, um minério característico da região, conhecido por suas propriedades metálicas. Popularmente chamada de “pedra Botafogo”, essa pedra ganhou esse nome por conta das faíscas que produzia quando friccionada, fenômeno que era facilmente observado no cotidiano pelos moradores. Essa vivência com os elementos naturais do território contribuiu para que o nome do território se consolidasse com o tempo, reforçando o

vínculo entre a paisagem e a construção simbólica do lugar. Esse processo evidencia como os recursos e fenômenos naturais influenciam ativamente na formação da memória coletiva e no imaginário social.

Essa mesma pedra de canga não só batizou o lugar, como também moldou sua paisagem construída, pois, ainda hoje, é possível observar a presença da pedra de canga em diversas partes do território, principalmente em antigos muros espalhados pelo distrito (fig. 6).

Figura 6: Muros de pedra que até hoje podem ser encontrados na região de Botafogo.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Esses muros de pedra, além de resistirem ao tempo, também fazem parte de um saber tradicional que marca a paisagem local. Historicamente, essas estruturas foram utilizadas para o cercamento de áreas de plantio, criação de animais, delimitação de propriedades e organização dos núcleos urbanos.

> “Entre os vestígios das intervenções humanas que modelaram as paisagens mineiras, mormente no período colonial, destacam-se os valos divisores e os muros de pedra largamente utilizados, certamente por influência dos europeus que aqui se instalaram naquela época, quando a mão de obra escrava era abundante e a tecnologia do uso do arame farpado ainda não existia. Tais estruturas eram utilizadas, principalmente, para demarcação de divisas entre propriedades, estabelecimento de barreiras para criação de animais e delimitação de estradas” (MIRANDA; ALVARENGA, 2017, p.3).

Como apontam Miranda e Alvarenga (2017), os currais e muros de pedra em Minas são vestígios materiais de práticas comunitárias e modos de vida que ajudaram a moldar o território, especialmente em um contexto em que a mão de obra escravizada era amplamente utilizada e a tecnologia do arame ainda não existia. Assim, esses elementos são ruínas do passado que registram a atuação das comunidades na construção do espaço ao longo do tempo.

Além da paisagem, a história de Botafogo também foi definida por seus ciclos econômicos. O território de Botafogo também se estruturou em torno de atividades produtivas que marcaram a vida da comunidade. Inicialmente, as atividades do povoado eram relacionadas à agricultura e à pecuária, voltadas tanto para a subsistência quanto para o comércio com a sede do município. Paralelamente, também se desenvolviam atividades minerárias, impulsionadas pela presença de um córrego aurífero nas proximidades.

Com o avanço da atividade extrativista, parte das terras pertencentes ao patrimônio da capela local foi arrendada por empresas mineradoras. Entre as décadas de 1950 e 1960, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) instalou-se na localidade, promovendo a construção de uma vila operária (CARNEIRO, 2020).

O fim desse ciclo minerário teve um impacto demográfico na região. Entre 1970 e 1980, ocorreu o processo de desativação da mineradora, o que provocou um intenso êxodo populacional. Atualmente, a localidade de Botafogo conta com um número reduzido de habitantes, dispersos em sítios e chácaras na zona rural do entorno (AMARO e REDINI, 2015, apud CARNEIRO, 2020). O distrito de Botafogo abriga cerca de 30 famílias, totalizando aproximadamente 90 moradores, entre

crianças, jovens e adultos. A maior parte da população é composta por pessoas com mais de 50 anos (62%), enquanto 15% têm entre 40 e 50 anos, e os 23% restantes estão na faixa etária entre 18 e 29 anos (COSTA *et al*., 2024).

Atualmente, a vida comunitária em Botafogo se organiza em torno de um núcleo simbólico e social que resiste ao tempo. A Capela de Santo Amaro, uma das capelas mais antigas de Ouro Preto (fig. 7), leva o nome do padroeiro da localidade e também o nome pelo qual o lugar era popularmente conhecido. A Capela foi construída ainda no século XVII, sendo um dos primeiros pontos de ocupação do território de Ouro Preto e a segunda capela mais antiga do município, ficando atrás apenas da Capela de Santa Quitéria da Boa Vista, em Rodrigo Silva. A Capela de Santo Amaro destaca-se como o principal marco religioso e de sociabilidade da comunidade até hoje.

Figura 7: Capela de Santo Amaro.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

A Capela de Santo Amaro possui traçado simplificado, de paredes em alvenaria de pedra, e remetendo a arquitetura jesuítica, de fachada alta e sólida, que termina em frontão triangular, vazada por uma única porta, duas janelas e um óculo. Sua formação se destaca por ser parecida com a Capela de Santa Quitéria do Alto

da Boa Vista, e também com a Capela de São João Batista, de meados de 1698 (CARNEIRO, 2020).

Figura 8: Interior da Capela de Santo Amaro.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Apesar das modificações ao longo do tempo, como a adição de anexos, repinturas e alterações internas, a Capela mantém-se como um espaço de grande relevância para a comunidade. Além de abrigar celebrações festivas e religiosas que

fortalecem os laços entre moradores e tradição, o anexo do cemitério reforça seu caráter simbólico e afetivo para Botafogo. No entorno imediato, destacam-se ainda a casa paroquial e a antiga construção que, durante o século XX, funcionou como escola da localidade (fig. 9), e atualmente funciona como apoio durante os eventos realizados na Capela. Esses elementos formam um conjunto que evidencia a centralidade da Capela na vida comunitária.

Figura 9: À esquerda da imagem, é possível ver a edificação onde funcionava a escola. A casa paroquial se encontra ao lado.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Em 2026 foi aprovado o tombamento da Capela pela Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Ainda que o processo não tenha sido concluído pelo IEPHA, o reconhecimento do valor patrimonial da capela representa um passo importante para a sua preservação e de seu entorno, sendo um sítio arqueológico e cultural que

preserva a história de ocupação da região, e ainda é amplamente utilizada pelos moradores. As tradições de culto e festejo a Santo Amaro são partes essenciais da cultura local. A tradicional Festa de Santo Amaro é uma celebração de grande importância comunitária cujas raízes remontam ao século XVIII. Originalmente, os festejos aconteciam no dia 15 de janeiro, data oficial do padroeiro, mas precisaram ser transferidos para o primeiro fim de semana de agosto com o intuito de contornar as fortes chuvas de verão.

Inicialmente, a comemoração era um evento bastante restrito e voltado apenas aos moradores locais. No entanto, com a chegada da mineradora CSN e o consequente desenvolvimento do povoado, a comemoração ganhou novas proporções, passando a contar com um público maior e com o apoio da Paróquia do Pilar. A organização religiosa do evento é estruturada pela ordenação diocesana e pelo Conselho Comunitário de Pastorais (CCP). Figuras fundamentais para a festa, como os festeiros, procuradores e mordomos, são escolhidos pela Mesa Administrativa da Irmandade de Santo Amaro de Botafogo, sendo que os escolhidos, frequentemente moradores antigos, não precisam necessariamente fazer parte da irmandade.

A celebração dura quatro dias, começando na quinta-feira. De quinta a sábado é realizado o tríduo, reunindo principalmente os moradores da comunidade e alguns poucos visitantes. No sábado, dia em que o tríduo se encerra, acontece a bênção da bandeira do padroeiro dentro da igreja e em seguida ela é levada ao adro para ser hasteada em um mastro.

No domingo acontece a grande Festa de Santo Amaro, transformando completamente a dinâmica do povoado, que chega a receber cerca de mil visitantes. O entorno da Capela é ocupado por barraquinhas de comidas, doces e lembrancinhas. Também é realizado um tradicional leilão de prendas, destinado a juntar fundos para reforma e conservação do patrimônio.

Figura 10: Festa de Santo Amaro. 2025.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

No início da tarde, é celebrada uma missa campal no adro da capela, e após a missa, se inicia a procissão, na qual as imagens do Padroeiro e de outros santos percorrem os arredores até retornarem à capela. Nesse retorno, os fiéis recebem as tradicionais amêndoas de Santo Amaro e têm a oportunidade de tocar e fazer suas preces diante da imagem do santo, que é posicionada na frente da igreja.

Além da fé e da religião, a festa é movida pelo espírito de comunidade e é carregada de memória afetiva. Para a população, a celebração possui um significado que ultrapassa o caráter religioso, constituindo-se como um momento de reencontro entre familiares, moradores e amigos que retornam ao povoado especialmente para a ocasião. a Festa de Santo Amaro reafirma os laços de pertencimento, fortalece as relações comunitárias e contribui para a continuidade

das tradições e da identidade cultural de Botafogo, mantendo vivas práticas e memórias que atravessam gerações.

Figuras 11 e 12: Procissão, que ocorre durante a festa, em homenagem a Santo Amaro.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

2.4. Contexto socioeconômico e infraestrutura atual

Economicamente, a comunidade se sustenta por uma base econômica de pequena escala. Atualmente, na região, a ocupação do solo é voltada quase que exclusivamente para uso residencial, com predominância de sítios, chácaras e pequenas moradias. As atividades econômicas locais são limitadas, destacando-se o Espaço Saramenha Artes e Ofícios, que se dedica principalmente à produção de peças cerâmicas e tem suas atividades voltadas para o turismo; algumas hospedagens disponíveis para temporada no Airbnb; e o Apiário Flores, um dos maiores produtores de mel de Ouro Preto.

Além disso, a agricultura familiar é uma prática comum na comunidade, onde muitos moradores cultivam frutas, legumes e verduras ou criam galinhas em seus

quintais. No entanto, essa produção destina-se ao consumo próprio. Apesar da pouca diversidade de fontes de renda, Botafogo apresenta um grande potencial para o desenvolvimento de novas atividades econômicas. A região possui uma população com conhecimentos tradicionais e habilidades que, se melhor aproveitados, poderiam gerar novas oportunidades e impulsionar a economia local. Contudo, esse potencial econômico é limitado devido à precariedade dos serviços essenciais, que impõe barreiras ao desenvolvimento e à vida digna na comunidade, e ameaçado frente aos interesses de grupos minerários que pretendem se instalar na região.

Ao analisar as condições de vida atuais em Botafogo, fica evidente um cotidiano estruturado tanto pela resistência de práticas tradicionais quanto pela precariedade de serviços públicos. Em seu livro “O Espaço do Cidadão” (2007), Milton Santos cunha o termo “cidadania mutilada”, referindo-se a situação em que a cidadania não é exercida de forma plena por todos os membros de uma sociedade, devido a desigualdades sociais e econômicas. Para o autor, a cidadania só é efetiva quando os recursos e as oportunidades são acessíveis a todo o corpo social, e a "mutilação" ocorre justamente quando a geografia do acesso (à saúde, educação, trabalho, informação) exclui certos grupos e limita seus direitos na prática.

Esse fenômeno citado por Santos, pode ser observado em Botafogo, uma vez que a localidade é totalmente dependente de redes externas e carece de todo tipo de serviço público essencial, como postos de saúde, escolas e outras demandas administrativas. Para realizar essas atividades, os moradores de Botafogo precisam se deslocar até o distrito-sede ou são encaminhados diretamente para Rodrigo Silva, onde a prefeitura direciona oficialmente tais atendimentos e procedimentos.

A vivência em Botafogo torna esse conceito tangível, não como uma teoria acadêmica, mas como um limite imposto ao cotidiano da minha própria família e de pessoas com as quais convivo. Acompanhar a rotina dos meus familiares permite perceber como a ausência de infraestrutura básica vai além dos dados estatísticos, configurando restrições ao direito de ir e vir e acesso ao cuidado. A experiência pessoal de presenciar a luta diária para contornar a geografia do abandono me

permite compreender que a 'cidadania mutilada' em Botafogo é, na verdade, uma restrição imposta à própria autonomia dos moradores.

Essa dependência econômica da cidade, no entanto, expõe uma parte importante da cidadania limitada, que é a mobilidade. Os moradores dependem de linhas de ônibus com horários insuficientes, sendo esses a linha Rodrigo Silva x Ouro Preto (que circula apenas em dois horários, no início da manhã e no final da tarde) e a linha Cachoeira do Campo x Ouro Preto. Os pontos de ônibus são poucos e precários, se localizam em locais distantes, na beira da rodovia, além de ser um local inseguro para a população.

A falta de iluminação é outro problema existente em Botafogo, não há qualquer tipo de iluminação pública no local, o que compromete a segurança, dificulta a circulação noturna e reforça a sensação de isolamento entre os moradores. Essa ausência também limita o uso de espaços comunitários no período da noite, restringindo atividades coletivas e encontros informais, que acabam se concentrando exclusivamente durante o dia.

No campo da saúde, a situação também é crítica. Como já citado, não há posto de atendimento ou agentes comunitários de saúde que atuem permanentemente na localidade. Para qualquer consulta, mesmo as mais básicas, os moradores são forçados a se deslocar até o distrito de Rodrigo Silva, enfrentando as já mencionadas barreiras de transporte. A cidadania, que deveria garantir o direito à saúde, torna-se, na prática, condicionada à capacidade de se locomover.

Além disso, o abastecimento de água é feito pelos próprios moradores, por meio de nascentes e poços, sem tratamento formal, e não há um sistema de saneamento básico, com o uso predominante de fossas sépticas, na maioria dos casos construídas pelos próprios moradores.

A falta de sinal de internet e telefonia móvel também é outro problema sofrido pela população de Botafogo, representando mais uma forma de exclusão da comunidade, mutilando o direito à comunicação e à informação.

A falta de infraestrutura básica e descaso por parte dos órgãos públicos é percebida de forma crítica pelos próprios moradores, que absorvem a promessa de "progresso" trazida por empresas privadas como uma ilusão que mascara o abandono municipal. Em conversas com moradores, ao refletir sobre as falsas expectativas de desenvolvimento, uma moradora relata que representantes de grupos extrativistas costumam prometer melhorias infraestruturais para a comunidade, como asfalto e iluminação, em troca da aceitação de suas atividades. No entanto, para os moradores que compreendem a dinâmica do território, é evidente que a provisão desses serviços básicos é uma obrigação inerente ao poder público, e não uma concessão ou favor de empresas privadas. Essa constatação explicita o conceito de cidadania mutilada, onde os direitos fundamentais são transformados em moeda de troca ou promessas de compensação, isentando a prefeitura de suas obrigações estruturais.

Portanto, o que se observa em Botafogo é um cenário onde os direitos, embora garantidos em lei, são sistematicamente corroídos na prática pela geografia do abandono, forçando os moradores a desenvolverem estratégias próprias de sobrevivência e cuidado em um território à margem das prioridades do poder público.

3. O PLANEJAMENTO MUNICIPAL E O TERRITÓRIO RURAL

Este capítulo analisa a invisibilidade institucional de Botafogo no planejamento urbano de Ouro Preto, demonstrando como a ausência da comunidade no Plano Diretor Municipal perpetua a precariedade infraestrutural e o abandono estatal. Complementarmente, o texto problematiza as classificações oficiais que definem o território rural meramente pela 'ausência' de urbanização.

3.1. Análise do Planejamento Municipal de Ouro Preto

A infraestrutura precária e a consequente mutilação da cidadania em Botafogo não se deve apenas a uma escassez geral de recursos públicos. O abandono da comunidade fica evidente ao analisar o Plano Diretor de Ouro Preto (Lei Complementar N° 29 de 2006), uma vez que a localidade de Botafogo é sistematicamente invisibilizada nos documentos que deveriam guiar as políticas públicas do município.

Ao analisar o Artigo 39 da lei, nota-se que o território municipal é dividido em macrozonas, sendo classificadas como "áreas urbanas" e "áreas rurais". A lei estabelece, no §2º deste mesmo artigo, que as áreas rurais são definidas de forma residual, ou seja, são consideradas rurais "aquelas externas aos perímetros urbanos". Ao classificar o território não pelos seus atributos produtivos ou sociais, mas puramente pela "ausência" de atributos urbanos, o documento apaga a existência de comunidades rurais, como o Botafogo e a complexidade de suas dinâmicas socioespaciais.

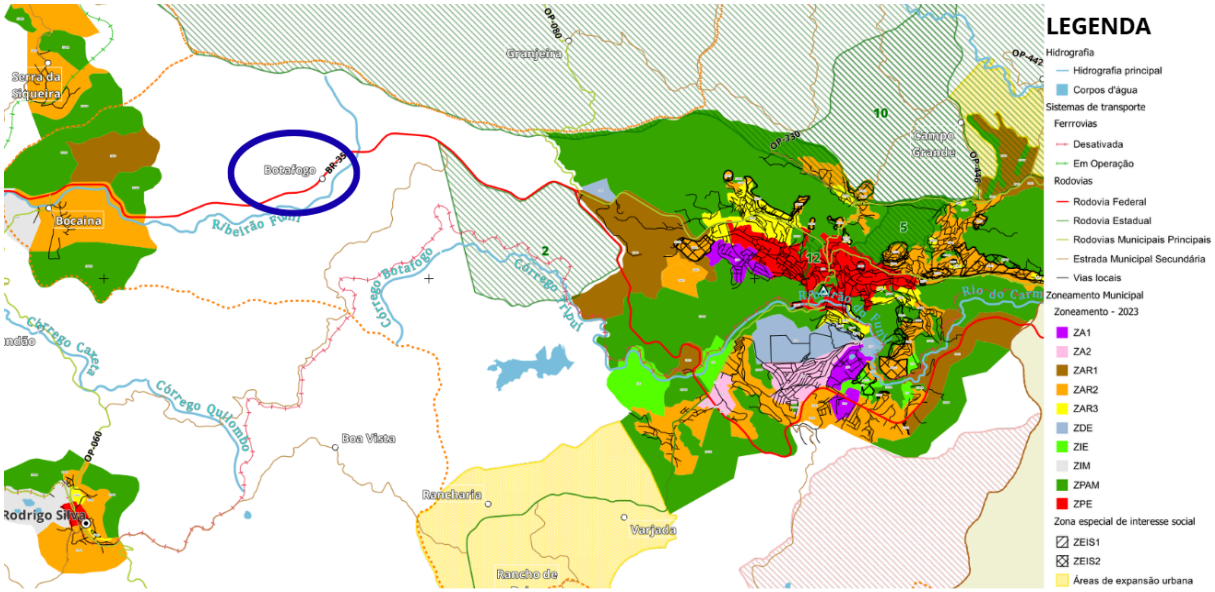
Essa invisibilidade institucional fica ainda mais clara ao analisar o Artigo 40, que estabelece as áreas urbanas do município. Na prática, Botafogo sofre de uma ambiguidade administrativa, pois não possui uma definição legislativa clara referente a qual distrito o povoado de Botafogo pertence. O referido artigo lista nominalmente o núcleo do distrito-sede e as sedes dos demais distritos, prevendo ainda, em seu inciso III, o reconhecimento de "áreas das localidades cuja zona urbana é definida por lei". No entanto, ao examinar os memoriais descritivos anexos ao Plano Diretor, constata-se que alguns povoados menores possuem seus perímetros delineados e

reconhecidos institucionalmente, enquanto não há qualquer delimitação ou menção equivalente para Botafogo. O território existe para seus moradores, na história e na paisagem, mas encontra-se em um limbo jurídico e administrativo perante o município. Essa invisibilidade no planejamento oficial evidencia o abandono da comunidade pelo poder público.

Essa omissão nas ferramentas de legislação do município tem impactos diretos na distribuição de recursos. Ao não delimitar um perímetro para Botafogo, o poder público cria uma lacuna normativa que contribui para a permanência da ausência de investimentos e ações públicas. As políticas de expansão de serviços essenciais, como pavimentação, iluminação pública, saneamento básico e rotas regulares de transporte coletivo, são priorizadas e direcionadas legalmente para as áreas formalmente reconhecidas. Assim, a falta de infraestrutura básica vivida pelos moradores é consequência direta de um planejamento que não reconhece a comunidade como sujeita de direitos urbanísticos.

Ainda que mencionada no Mapa de Zoneamento (fig. 13) do município, são poucas ou inexistentes as menções à comunidade de Botafogo em outros instrumentos de políticas urbanas. Essa ausência coloca a comunidade em um esquecimento jurídico e administrativo. Sem diretrizes claras definidas pelo município, a ocupação e o uso da terra se organizam a partir de lógicas próprias da comunidade, orientadas por necessidades cotidianas. Essa negligência por parte das autoridades do município, também permite uma certa liberdade informal, na qual a comunidade organiza seu espaço segundo suas próprias lógicas e tradições. Contudo, essa autonomia é precária e deixa o território desprotegido contra pressões externas, como a expansão de atividades extrativistas na região.

Figura 13: Recorte do Mapa de Zoneamento Urbano de Ouro Preto.



Fonte: Plano Diretor de Ouro Preto. Modificado pela autora.

Essa invisibilidade institucional serve de base para a "cidadania mutilada" de Santos (2007). Ao não reconhecer o território em seus planos, o poder público municipal se abstém de prover os suportes materiais, como segurança, infraestrutura e serviços que permitiriam aos seus habitantes o exercício pleno dos seus direitos. A exclusão de Botafogo dos mapas atua como um ato político que reproduz a desigualdade socioespacial na comunidade.

Figura 14: Imagem de uma das “ruas” de Botafogo.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

3.2. A complexidade do rural

Entender o Botafogo passa pela observação das práticas cotidianas, da organização dos espaços domésticos e das relações construídas entre as pessoas e o lugar. Para compreender essas dinâmicas, é necessário olhar para o cotidiano, onde se expressam as permanências e transformações nos modos de vida locais.

Assim como outros subdistritos de Ouro Preto, Botafogo é palco de modos de vida que traduzem a articulação entre práticas domésticas, relações sociais e organização do espaço. A vida cotidiana, centrada na domesticidade, não pode ser compreendida apenas pela dimensão física da casa, mas pela multiplicidade de usos e significados que o espaço doméstico abriga.

Para compreender essas formas de viver, é necessário refletir sobre as classificações atribuídas a territórios como Botafogo e sobre como a visão urbana muitas vezes desconsidera a complexidade do rural. A definição do que é

considerado rural ou urbano acaba sendo decidido pelos poderes municipais, muitas vezes guiados por interesses políticos e econômicos. Assim, a classificação do território pode favorecer certos grupos, ao mesmo tempo em que fragiliza e invisibiliza modos de vida que não se encaixam na lógica urbana dominante.

Lefebvre (2001) destaca a complexidade da relação entre cidade e campo, apontando três elementos principais: a ruralidade, o tecido urbano e a centralidade. Para ele, o campo não é só um espaço natural, mas uma construção feita pelos grupos que vivem ali, marcada por um significado simbólico que, com o crescimento da vida urbana, acaba sendo transformado pela racionalidade e pela lógica econômica e política urbana. Essa situação pode ser vista em lugares como o Botafogo, onde os modos de vida tradicionais convivem e resistem às transformações causadas pela urbanização e pela indústria. Lefebvre também destaca que, mesmo com a expansão da cidade e a mistura com o campo, as diferenças entre a vida urbana e a rural não desaparecem. Na verdade, as disputas, desafios e dificuldades entre esses dois modos de vida continuam existindo. Diante disso, é importante pensar em novas maneiras de organizar e centralizar o território, para valorizar a diversidade que existe em espaços rurais como o Botafogo.

No entanto, o entendimento do que é a ruralidade está longe de ser consensual entre pesquisadores, havendo diferentes interpretações sobre seus limites e características. No Brasil, essa distinção entre o urbano e o rural se baseia no critério político-administrativo que considera como urbano toda sede de município ou de distrito (MARQUES, 2002), desconsiderando as múltiplas formas de organização do território e os modos de vida que nele se desenvolvem.

Para o IBGE (2023), são consideradas áreas urbanizadas aquelas legalmente definidas como vilas ou cidades, caracterizadas por áreas com alta concentração de edificações, intensa ocupação humana e atividades econômicas, bem como os espaços em transformação por processos urbanos ou destinados à expansão das cidades. No Plano Diretor de Ouro Preto (Lei Complementar N° 29 de 2006), são denominadas como áreas urbanas o núcleo urbano de Ouro Preto, o distrito-sede e as sedes dos demais distritos do município.

A partir dessa lógica, o espaço rural acaba sendo definido como tudo aquilo que não é urbano, ou seja, a partir da ausência de características típicas da urbanização, e não por atributos próprios. Portanto, se trata de uma definição sustentada pela ausência da urbanização, da infraestrutura e da densidade populacional. Essa abordagem desconsidera as especificidades dos territórios rurais, seus saberes, práticas e identidade. Além disso, a atribuição dos limites entre o urbano e o rural fica a cargo dos poderes municipais, que, muitas vezes, tomam decisões que respondem mais a interesses fiscais e políticos do que a uma leitura da realidade territorial.

O entendimento do rural a partir da ausência da urbanização se relaciona com o conceito que Lefebvre (2006) chama de “espaço abstrato”, onde há um espaço homogeneizado, delimitado por leis e zoneamentos, funcional e passível de controle. Ao classificar Botafogo a partir de critérios administrativos ou da falta de infraestrutura urbana, apaga toda a complexidade e a riqueza do território. Esse apagamento atua como uma ferramenta política e econômica de dominação. Ao tratar o rural como um "vazio" no mapa, a administração municipal reduz a localidade a um local desprovido de identidade e história.

Nessa lógica hegemônica, típica do planejamento tecnocrático (SOUZA, 2002), as redes de vizinhança, as práticas de subsistência e a relação profunda dos moradores com a topografia, a hidrografia e a biodiversidade são silenciadas. O território passa a ser lido apenas pela sua funcionalidade ou pelo seu valor de mercado. Em Botafogo, essa abstração institucional cria o cenário perfeito para a expansão de lógicas extrativistas, pois ao não reconhecer o subdistrito como um espaço pleno de vida e direitos, os órgãos públicos facilitam a entrada de forças do capital, como as empresas mineradoras, que se aproveitam dessa invisibilidade administrativa para tratar a região não como um lugar habitado, mas como um depósito de recursos minerais a serem explorados. Portanto, classificar o rural a partir de suas "ausências" é o mecanismo que legitima a negligência pública e consolida a vulnerabilidade da comunidade.

Figura 15: Cotidiano em Botafogo.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Um olhar atento aos modos de vida locais revela o que Lefebvre (2006) também denomina “espaço diferencial", que se opõe diretamente ao espaço abstrato, por ser um espaço que resiste à homogeneização, sendo diversificado, qualitativo e cheio de significados, onde a diversidade e as relações sociais se manifestam de forma mais livre. A ruralidade do Botafogo não acontece devido a falta de infraestrutura, mas na presença de práticas sociais, de relações de vizinhança, de um ritmo temporal próprio e de um profundo conhecimento do ambiente natural. Portanto, para compreender o Botafogo é preciso ir além da lógica do espaço abstrato, considerando as características concretas e específicas do espaço produzido e vivido por sua comunidade.

Essa distinção entre urbano e rural traz uma construção histórica e social complexa, que evidencia que a diferença entre cidade e campo deriva estritamente

de processos históricos que moldaram a organização política, econômica e social das sociedades. Isso é fundamental para entender as dinâmicas territoriais presentes em Ouro Preto, onde a coexistência entre espaços urbanos e rurais definem os modos de vida locais.

A partir dessa análise, observa-se que a ruralidade em Botafogo não pode ser reduzida apenas à ausência de urbanização ou de infraestrutura, mas deve ser compreendida em sua complexidade, a partir dos modos de vida, das práticas cotidianas e das relações que os moradores estabelecem com o território e seus recursos naturais. Essa ruralidade se expressa na vida comunitária, nas formas de morar que se ajustam à paisagem e à disponibilidade de recursos, e nas práticas de produção que combinam técnicas tradicionais com adaptações às condições contemporâneas.

As formas de morar, produzir, socializar e preservar o ambiente revelam um conjunto de saberes transmitidos entre gerações, que conferem uma identidade própria ao distrito e reafirmam sua continuidade histórica. Esses saberes, muitas vezes invisibilizados pelas lógicas urbanas e pelas políticas públicas centralizadas, sustentam estratégias de resistência e de permanência no território. Assim, o cotidiano de Botafogo se mostra como espaço de criação, de trocas simbólicas e de valorização da coletividade.

Nesse sentido, a identidade rural se mantém viva mesmo diante das pressões da urbanização, das transformações econômicas e da precariedade de serviços básicos. As práticas culturais, a religiosidade e a relação simbólica com a terra reforçam um sentimento de pertencimento que ultrapassa os limites materiais e que constitui a base para a reprodução social da comunidade. A ruralidade de Botafogo, portanto, deve ser entendida como um modo de viver que ressignifica o espaço, preserva tradições e, ao mesmo tempo, se adapta às mudanças, demonstrando a complexidade do território.

Tendo em vista que a ruralidade de Botafogo se define pela presença de um espaço rico em significados, os capítulos seguintes se dedicarão a aprofundar a compreensão das práticas e relações que constituem este território vivo.

Figura 16: Fotografia, de um grupo de pessoas, tirada em Botafogo. Agosto de 1968.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

4. TÁTICAS DE PERMANÊNCIA

Neste capítulo, a pesquisa se volta para as pessoas que trazem o território de Botafogo à existência. Para além da visão do planejamento municipal, a análise passa a ser guiada pelas trajetórias e pelas mãos daqueles que habitam o local. Ao documentar os ofícios e as táticas de sobrevivência dos moradores, busca-se demonstrar que a ruralidade e a resistência da comunidade se materializam nas práticas cotidianas que produzem e ressignificam continuamente o espaço.

Compreender e valorizar esses ofícios significa reconhecer um conjunto de saberes e práticas transmitidos entre gerações, fundamentais para a permanência da comunidade e para a manutenção de sua identidade. Preservar esses modos de fazer é também preservar a memória coletiva e as relações construídas com o território, assegurando que conhecimentos ligados ao trabalho, à cultura e às formas de habitar continuem a integrar a vida cotidiana de Botafogo. Especialmente em um contexto onde a região se vê ameaçada por forças externas, como o avanço da atividade extrativista, a preservação dessas atividades torna-se uma ferramenta direta de defesa territorial.

A expansão das lógicas extrativistas, muito presentes no Quadrilátero Ferrífero, é marcada por uma perspectiva onde o território é visto apenas como um depósito de recursos a serem esgotados, promovendo frequentemente a desterritorialização e o apagamento de comunidades inteiras. Contrapor-se a essa ameaça exige, portanto, a valorização do fazer local.

Portanto, nesse contexto, reconhecendo que os instrumentos tradicionais de análise territorial são insuficientes para retratar as táticas de sobrevivência e as lógicas de produção do espaço rural, foram realizadas conversas e entrevistas semiestruturadas com moradores que vivem e trabalham no Botafogo e que são responsáveis por trazer visibilidade, identidade e continuidade ao território. Entende-se que o trabalho e a vivência desses moradores vão além da simples ocupação do espaço, constituindo práticas que produzem o território e sustentam sua resistência.

As conversas aconteceram com pessoas que de alguma forma estão entrelaçadas à história e à dinâmica espacial de Botafogo, atuando como agentes ativos na produção e preservação desse território. As pessoas escolhidas foram o Sr. Joaquim, meu avô, que é benzedor desde os 22 anos de idade e morador de Botafogo há mais de 60 anos. Sua escolha se deu pela nossa relação afetiva, e também pelas histórias e vivências que acompanho desde a infância, observando diferentes pessoas vindas de diferentes regiões do estado e do país chegarem e serem benzidas, na sala de casa, em busca de suas bênçãos e orações. Essa proximidade me permitiu acessar o espaço vivido de Botafogo em uma dimensão profunda, incorporando à pesquisa uma perspectiva autoetnográfica.

O acesso às suas memórias se deu por uma escuta atravessada pelo afeto e pela vivência geracional. O ofício de benzer, exercido por ele ao longo de décadas, transcende a dimensão física e produtiva do território, configurando-se como uma prática ancestral de cuidado e cura que fortalece os vínculos comunitários e evidencia a permanência de saberes tradicionais fundamentais para a identidade e a coesão social de Botafogo.

Figura 17: Sr. Joaquim em seu “quartinho de benzer”.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Outro entrevistado foi o Angêlo, proprietário e produtor no Apiário Flores, com cerca de 40 anos de atuação em Botafogo, começou a trabalhar no ramo por acaso mas transformou essa descoberta em uma prática de vida e de resistência produtiva que reconfigurou a sua relação com o espaço habitado. desde então a produção de mel e derivados, no quintal de casa, é sua principal fonte de renda e traz reconhecimento para a região, uma vez que seus produtos são vendidos em diversas partes do estado e até mesmo do país. A escuta de sua trajetória mostra como uma atividade que depende intrinsecamente dos ciclos naturais atua diretamente na morfologia do espaço rural.

Figura 18: Entrada para o Apiário Flores.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Mais um entrevistado, foi o Elcio, ceramista desde criança e com 72 anos de idade, que dedicou quase seis décadas ao seu ofício e hoje está há quase 30 anos trabalhando no território de Botafogo. Vizinho do Sr. Joaquim durante muitos anos, também possui uma experiência profissional da qual também pude observar desde muito nova. A sua trajetória ilustra a apropriação tática do saber, uma vez que ele começou a trabalhar aos 13 anos em funções de apoio, como a limpeza das rodas e a preparação do barro, absorveu empiricamente as técnicas ao longo dos anos até alcançar o posto de ceramista profissional. O produto de seu trabalho possui

identidade própria e hoje, se encontra em diversas partes do país, e até mesmo no exterior.

Figura 19: Élcio, ceramista.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Por fim, outra entrevistada, a Shirley, pedagoga aposentada e com uma longa trajetória na gestão pública e social do município, que já trabalhou como diretora de presídio, ressocialização de presos, catequista e diretora de abrigos de crianças e adolescentes. A moradora possui conexões profundas com o Botafogo desde jovem, adquiriu sua propriedade na região no ano de 2000 e há mais de uma década escolheu Botafogo para firmar suas raízes e reside permanentemente no local. A escolha de entrevistá-la partiu da necessidade de incorporar à pesquisa a perspectiva fundamental da "moradora comum", demonstrando que a produção do espaço não se restringe a ofícios estritamente comerciais. Em seu cotidiano, Shirley

transforma o próprio quintal e a moradia em uma infraestrutura tática de sobrevivência e cuidado: maneja centenas de aves que atuam no controle biológico do terreno, cultiva hortas, planeja herbários e produz conservas, geleias e artesanatos. A escuta de sua trajetória traz para o trabalho uma visão crítica e politizada sobre o abandono institucional e as ameaças da mineração, evidenciando como a permanência na terra e o uso consciente do espaço habitado configuram-se como atos diários de resistência territorial.

4.1. A entrevista

O roteiro das entrevistas foi estruturado em eixos temáticos, formulados para investigar diferentes escalas da vivência no território, partindo da escala humana e íntima até chegar às dinâmicas macro-logísticas de Ouro Preto. Cabe ressaltar que esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), assegurando o estrito respeito aos princípios éticos e a formalização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) junto a todos os participantes. Os questionamentos não buscaram respostas curtas ou objetivas, mas procuraram instigar narrativas que revelassem a produção do espaço. Os eixos foram divididos da seguinte maneira:

1. Trajetória, memória e aprendizado: As entrevistas iniciaram-se com questionamentos sobre a origem do ofício. O objetivo dessas perguntas foi mapear a transmissão do Patrimônio Imaterial e entender se os saberes foram herdados familiarmente, absorvidos de vizinhos ou desenvolvidos de forma tática e autônoma, evidenciando o corpo do trabalhador como o principal arquivo histórico do território.

2. A arquitetura do trabalho e a morfologia do lote: Investigou-se a dimensão espacial da produção. A intenção central foi entender o espaço, compreendendo como os quintais e as moradias, se for o caso, foram desdobrados para abrigar materiais necessários, provando que a casa rural em Botafogo é uma infraestrutura de trabalho adaptável.

3. A matéria-prima, a natureza e o tempo: Foi fundamental questionar a relação do produtor com o ambiente natural da região. O intuito foi demonstrar que o meio rural pode ditar o ritmo de produção. As perguntas buscaram evidenciar o impacto da sazonalidade na atividade realizada.

4. Redes de escoamento, sociabilidade e visibilidade: A dimensão urbanística foi contemplada por perguntas voltadas à circulação e ao alcance do trabalho. O objetivo estratégico deste eixo foi refutar a tese do "isolamento rural". Buscou-se coletar dados para provar que o que se é produzido em Botafogo escoa para diversas regiões e também atrai um fluxo constante de consumidores e visitantes através de redes informais e táticas de sociabilidade.

5. Propósito e resistência territorial: Por fim, o foco foi direcionado para o caráter político e identitário do ofício. A intenção final foi extrair o significado subjetivo do trabalho, demonstrando que a permanência no ofício atua como um ato de resistência contra a invisibilidade imposta pelo município e contra a ameaça hegemônica das lógicas extrativistas que cercam a região.

6. O tempo, o cotidiano e a natureza: Foi fundamental questionar a relação do morador com o ambiente. O intuito foi demonstrar que o meio rural dita um ritmo de vida próprio, submetendo tanto a cadência da produção artesanal quanto a organização da rotina doméstica à sazonalidade e às condições climáticas.

Através dessa escuta ativa e estruturada, as vozes dos moradores deixam de ser apenas relatos e se tornam fontes essenciais para a compreensão do território. Elas fornecem o embasamento necessário para atestar que as práticas cotidianas e as atividades realizadas em Botafogo são, simultaneamente, táticas de sobrevivência socioeconômica e instrumentos diretos de produção do espaço rururbano.

4.2. Táticas de permanência

A compreensão do território rural de Botafogo exige um distanciamento das lentes tradicionais do planejamento urbano formal. Como discutido no capítulo anterior, a cartografia oficial e os planos diretores muitas vezes tratam áreas rurais periféricas como silêncios demográficos ou meras manchas de preservação. Além dos conceitos já citados anteriormente, a Tríade Espacial de Henri Lefebvre (2006), apresentada na obra "A Produção do Espaço", se torna uma lente interessante para compreender a relação com o espaço. O autor explica como o espaço social é criado e transformado continuamente por meio de três dimensões independentese ao mesmo tempo, complementares. Ela engloba os conceitos de Espaço Concebido, Espaço Percebido e Espaço Vivido para compreender a relação com o espaço.

O olhar institucional sobre Botafogo constrói o que seria o Espaço Concebido, que é o espaço dos urbanistas e das leis. É um espaço planejado "de cima para baixo", onde a localidade é lida a partir de um distanciamento que ignora suas dinâmicas produtivas reais e cotidianas. Sob essa ótica, Botafogo é invisibilizado, ofuscado pela narrativa monumental do centro barroco de Ouro Preto.

Entretanto, ao realizar a pesquisa de campo e conversar com moradores, é observada uma realidade diferente. O "vazio" do mapa municipal é preenchido pelo Espaço Percebido, ou a “prática cotidiana”, que engloba a materialidade diária, as rotinas de produção e a organização do território. É nesta dimensão que a comunidade estrutura a sua ocupação, dando forma a um ambiente que, embora negligenciado pelo planejamento oficial, é plenamente habitado e modificado pelo ritmo cotidiano de seus moradores.

Paralelamente a isso, o território é constituído pelo Espaço Vivido, que ganha forma através da memória, do afeto e da identidade cultural, O território de Botafogo deixa de ser um espaço ocioso ou de mera contemplação da natureza, e se torna um espaço ativamente produzido, modificado e mantido por meio dos ofícios tradicionais de seus moradores. Nesse cenário de negligência estatal, o trabalho atua como elemento reificatório, de afirmação de existências e resistências do povo do lugar.

Outra referência importante para a construção desse trabalho é a obra “A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer" (1994) do autor Michel de Certeau, que propõe uma reflexão profunda sobre as práticas espaciais e as formas silenciosas de resistência das pessoas comuns diante das estruturas hegemônicas.

Em sua obra, Certeau apresenta dois termos: Estratégia e Tática, e discorre sobre a distinção entre eles. A Estratégia, segundo o autor, pertence às instituições de poder, como o Estado, o planejamento urbano e as lógicas macroeconômicas. Ela pressupõe um lugar próprio, uma base de onde se pode administrar e controlar o espaço de forma racionalizada, o que relaciona com a maneira como o planejamento oficial de Ouro Preto enxerga o território rural.

Já a Tática, é definida por Certeau como a "arte do fraco". Diferente da estratégia, a tática não possui um lugar próprio; ela atua no terreno do outro, no espaço imposto pelo sistema. É a capacidade de subverter, adaptar e aproveitar as brechas do cotidiano para garantir a sobrevivência e criar novas formas de uso dentro de um espaço que já foi delimitado por forças maiores.

Em Botafogo, diante do distanciamento e da omissão da estratégia municipal, o morador atua por meio da tática. Essa subversão tática é materializada e evidente na trajetória dos trabalhadores locais. Em entrevistas realizadas em campo, observa-se como os ofícios moldam a relação com o local.

No caso da apicultura, trabalho do Ângelo, a ausência de incentivo formal, subsídios ou infraestrutura de escoamento é contornada pela criação de uma rede de confiança. Ele relata que o reconhecimento e o crescimento exponencial de sua produção foram impulsionados organicamente pela tática do "boca a boca". Os compradores vêm de Ouro Preto, Belo Horizonte ou outras regiões e, através de revendedores, o mel produzido em Botafogo alcança até mesmo outros estados do país.

O local onde ficam as abelhas e o mel é produzido, é no meio da floresta (fig. 20), mas além disso, a tática se materializa de forma profunda na própria arquitetura

doméstica. Para continuar operando e se adequar às exigências de higiene do Espaço Concebido, o apicultor precisou intervir fisicamente na morfologia do seu quintal. O lugar que antes era apenas uma construção informal (fig. 21) se tornou uma construção com algumas "salinhas" específicas e azulejadas (fig. 22 e 23), separando rigorosamente os processos.

Figura 20: Algumas das colmeias, localizadas no meio da mata.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 21: Construção onde Ângelo iniciou o trabalho de apicultor.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 22 e 23: Sala de extração e limpeza do mel.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Além das áreas mais técnicas, o apiário também possui um espaço de comercialização direta (fig. 24 e 25), mantido pelo Ângelo e sua família, onde visitantes do apiário podem adquirir os produtos no local de sua origem e não necessariamente nos comércios para onde os produtos são exportados.

Figura 24 e 25: Lojinha onde são comercializados os produtos do apiário.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Essa mesma capacidade de manipulação do espaço através do ofício é encontrada no trabalho do ceramista, Elcio. Hoje, seu ateliê de trabalho, além do pequeno espaço de produção em sua casa, é um complexo sistema de produção espacialmente delimitado. A "arquitetura" de seu processo exige fornos de diferentes escalas e tecnologias. Um forno elétrico menor é usado para a queima das peças esmaltadas, contrasta com o grande forno a lenha (fig. 26), construído e adaptado ao ar livre, capaz de receber até 200 peças empilhadas para a primeira queima em um ciclo de 12 horas.

Figura 26: Forno a lenha, para a queima de grandes quantidades de peças.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Essas adaptações, seja no apiário ou na cerâmica, são intervenções arquitetônicas que respondem a uma necessidade vital de produção. São, em essência, arquiteturas da resistência.

Essa mesma capacidade de subversão tática através do uso diário estende-se para a própria domesticidade e o manejo do lote. Na vivência da moradora Shirley, a apropriação do quintal transcende o morar passivo e a contemplação. Diante da inserção da casa em meio à mata nativa e dos desafios inerentes a essa proximidade, ela emprega uma tática orgânica e autônoma de controle territorial: a manutenção estratégica de um grande plantel de aves soltas pelo terreno. A moradora relata que já chegou a ter mais de mil galinhas em seu

quintal e chegava a colher cerca de 120 dúzias de ovos por dia. Hoje, em quantidade reduzida, ela relata que possui cerca de 400 galinhas, onde parte delas ficam soltas pelo quintal.

Em vez de depender de soluções industriais, defensivos químicos ou da infraestrutura de capina municipal, as galinhas funcionam como uma barreira biológica ativa, consumindo insetos e afastando animais peçonhentos como escorpiões, aranhas e cobras, garantindo assim a habitabilidade segura da residência. O espaço interno também é taticamente desdobrado pelas mãos da moradora; a cozinha e as áreas de estar transformam-se em ateliês informais e centros de produção de conservas, geleias e trabalhos têxteis, como o crochê. A casa rural, sob a ótica da tática cotidiana, deixa de ser apenas um teto e converte-se em um equipamento versátil de sobrevivência, cuidado e autonomia.

Essa versatilidade evidencia que o espaço doméstico está em constante movimento, ativamente moldada por quem a habita. Ao converter a moradia em um polo autossuficiente de produção e gestão ambiental, a moradora subverte a lógica de dependência do centro urbano. Nesse sentido, o ato de morar transcende a rotina e torna-se um exercício político de permanência, mostrando que a verdadeira defesa contra o abandono institucional e as pressões de apagamento começa, impreterivelmente, na escala do quintal.

4.3. A matéria, o tempo e a comunidade

O rural em Botafogo também se define pela submissão e parceria com o tempo da natureza. Diferente da temporalidade acelerada e controlada do centro urbano, o morador e produtor rural dependem dos ciclos naturais, o que influencia diretamente sua rotina e organização espacial.

Ângelo ressalta que a qualidade e o sabor de seu produto são indissociáveis do território, pois a florada específica da vegetação de Botafogo, garantem o caráter do mel. Ele afirma que seu trabalho não seria o mesmo, caso fosse realizado na área urbana, pois as condições ambientais e os recursos oferecidos pelo meio rural

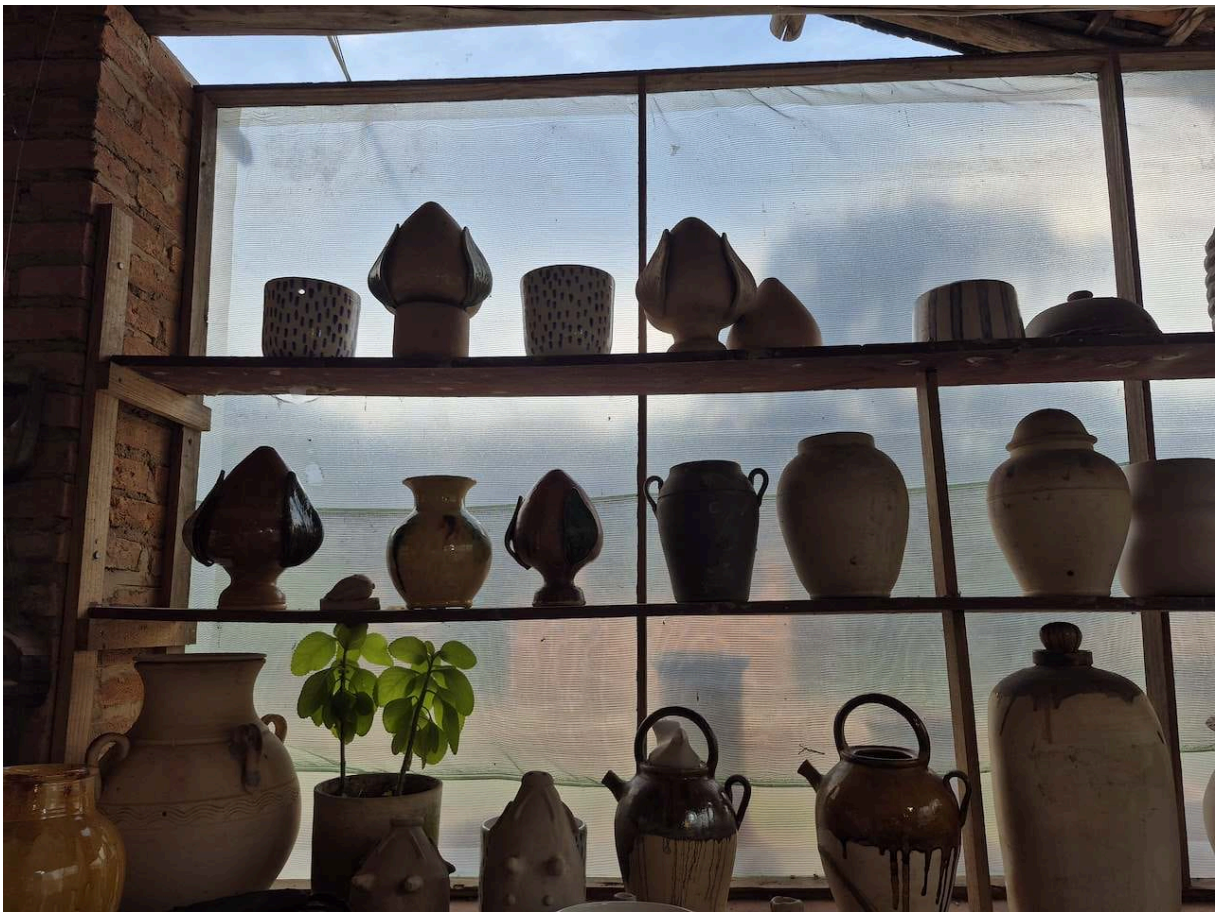
são determinantes para a atividade apícola. Nesse sentido, sua produção evidencia que o trabalho não se desvincula do lugar em que é realizado, mas se constitui em estreita relação com as características naturais e culturais do território. O mel produzido no Apiário Flores é, portanto, resultado da combinação entre o manejo das abelhas e as especificidades de Botafogo, revelando como os modos de vida locais estão profundamente entrelaçados à paisagem e aos recursos que ela oferece. Assim, o território passa a ser entendido como elemento ativo na produção, conferindo singularidade ao produto e sustentando a permanência dessa prática no campo.

Figura 27: Favo de mel para ser extraído.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Da mesma forma, o ofício da cerâmica exemplifica as mutações e dificuldades logísticas impostas ao território rural. O Elcio relata que, devido a problemas de rachaduras com a argila local durante a queima, a matéria-prima de seu ateliê passou a vir do Paraná. Essa mudança faz com que o ateliê passe a depender de uma rede de fornecimento mais extensa e sujeita a dificuldades logísticas, pois o transporte da argila pode demorar até 15 dias para consolidar uma carga, e o material chega endurecido. O processo de "amaciar" a terra, jogando água e utilizando máquinas para retirar o ar e as impurezas, impõe um ritmo de trabalho que depende intrinsecamente do clima (seca ou chuva) e do tempo de hidratação. A natureza e a distância geográfica ditam a cadência da vida cotidiana.

Figura 28, 29 e 30: Algumas peças de cerâmica produzidas pelo Élcio.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Essa dimensão do território como um provedor direto de recursos estende-se também à apropriação simbólica e material da flora local no dia a dia. A rotina doméstica no subdistrito é frequentemente pautada pela observação atenta e pela coleta dos elementos que a paisagem oferece espontaneamente. A moradora Shirley relata o hábito cotidiano de caminhar pelo próprio terreno e pelas encostas próximas, encontrando diversas flores e plantas nativas. Essas espécies são utilizadas na confecção de pequenos artesanatos aromáticos, costurados por ela. Mais do que um passatempo, essa interação constante com a vegetação envolve um mapeamento afetivo do lugar; a moradora fotografa e cataloga as espécies encontradas com a intenção de estruturar um herbário focado em plantas medicinais, resgatando os saberes tradicionais herdados de sua mãe e avó.

Figuras 31, 32 e 33: Algumas plantas exóticas encontradas pela Shirley.

Fonte: Acervo pessoal da Shirley.

Para além das apropriações tangíveis da paisagem, a sustentação do território como espaço de vida depende, fundamentalmente, da densidade das relações humanas e dos vínculos sociais proporcionados pelo meio rural. O ofício do Sr. Joaquim, como benzedor, ilustra perfeitamente essa dinâmica imaterial. Em seu relato, ele pondera que a prática da benzeção poderia, teoricamente, ser exercida em qualquer outro lugar ou ambiente urbano. Contudo, ele enfatiza que o ato de benzer ganha muito mais força, fluidez e proximidade em Botafogo justamente devido ao estreitamento dos laços comunitários.

Figura 34: Materiais usados na benzeção.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Como já citado anteriormente, a região possui uma forte conexão religiosa, o que também é evidenciado no trabalho do Sr. Joaquim. Essa dimensão espiritual, não se restringe ao âmbito privado ou apenas nas celebrações na capela local, mas permeia as relações de vizinhança. O ofício da benzeção atua como um mecanismo de coesão social que valida o território não apenas como um lugar de moradia, mas como um espaço de proteção e cuidado mútuo. Enquanto a lógica extrativista opera pela fragmentação e pelo esvaziamento, o exercício da benzeção promove o fortalecimento dos laços comunitários, funcionando como um contraponto à desintegração social provocada pela modernidade industrial e pelo avanço do capital nas áreas rurais.

Figura 35 e 36: Artigos religiosos.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

No contexto rural, a ausência da agitação e do anonimato típicos das grandes cidades permite uma escala mais humana de convivência. A tradição se mantém e se expande organicamente através de moradores e vizinhos, uma tática de

comunicação baseada na confiança mútua que fez com que o seu ofício se tornasse conhecido ao longo das décadas. Assim, para o Sr. Joaquim, o recurso primordial oferecido pelo território é a intimidade da vizinhança e o tempo disponível para o acolhimento do outro. O território rural de Botafogo atua, portanto, como uma base indispensável para que essa prática ancestral de cura resista e se fortaleça no cotidiano da comunidade.

Ao analisar essas dinâmicas, desfaz-se o imaginário do isolamento rural frequentemente utilizado para justificar a invisibilidade de Botafogo nos instrumentos institucionais, o distrito revela-se como um território atravessado por fluxos materiais, saberes e relações cotidianas. Milton Santos (2007) denomina de Espaço Banal o espaço de todos, sendo o território usado no dia a dia, onde ocorrem as vivências, a solidariedade e a coexistência de todas as diferenças, independentemente do poder econômico ou político. Sob essa perspectiva, Botafogo revela-se muito distante da ideia de um território isolado. O mel, a cerâmica e a benzeção demonstram que o território é uma construção contínua que integra o suporte físico à interação diária entre matéria, tempo e comunidade. Ao mesmo tempo em que se insere em redes mais amplas de circulação e troca, o distrito preserva formas próprias de sociabilidade e produção. É justamente nessa articulação entre recursos naturais, ritmos cotidianos e vínculos sociais que reside a força e a permanência dos modos de vida rurais em Botafogo.

4.4. A perspectiva do morador comum

A análise de Botafogo não é restrita apenas aos saberes produtivos e comerciais dos artesãos. É preciso deslocar o olhar para o "morador comum", aquele que, longe de ocupar os holofotes da produção de ofícios, sustenta a vida no subdistrito através de uma complexa rede de táticas cotidianas. A trajetória de moradoras que, como Shirley, trazem consigo uma bagagem de atuação em esferas institucionais, educacionais e sociais de Ouro Preto, oferece um ponto de vista privilegiado sobre a ocupação do território. Essa perspectiva é fundamental porque ela não olha para Botafogo apenas como um recurso ou um local de trabalho, mas como um projeto de vida, uma escolha política de permanência e um exercício diário

de cidadania em um território que o poder público insiste em tratar como periférico ou, na melhor das hipóteses, negligenciável.

O habitar em Botafogo, sob a ótica do morador comum, é um exercício constante de invenção e autonomia. A residência transforma-se em um laboratório de subsistência onde as fronteiras entre o privado e o produtivo são deliberadamente apagadas. O manejo do quintal, por exemplo, não deve ser lido como uma atividade doméstica simples, mas como uma estratégia estrutural de apropriação do solo. Ao manter plantéis de aves soltas para o controle biológico, ou ao dedicar tempo ao cultivo de ervas, flores e alimentos, o morador assume a responsabilidade que os órgãos públicos abandonam: a da gestão ambiental do seu próprio entorno. Essas práticas de "fazer-se" no espaço, que envolvem desde o artesanato com a flora nativa até a produção de conservas, evidenciam que a moradia rural é um equipamento de resistência. Ela provê segurança alimentar, protege a habitação contra pragas de forma orgânica e mantém vivo um repertório de saberes ancestrais que, caso não fossem exercidos no cotidiano, estariam condenados ao esquecimento sob a pressão da vida urbana padronizada.

Essa autonomia cotidiana, contudo, é construída em um embate constante com a percepção de uma "cidadania mutilada". A moradora, ao utilizar seu histórico profissional de gestão e sua experiência com instituições públicas, faz uma leitura crítica da ausência de infraestrutura em Botafogo. Para esse olhar treinado, a falta de pavimentação, iluminação e transporte não é uma fatalidade orçamentária, mas um reflexo de uma hierarquia política que prioriza os núcleos centrais de Ouro Preto em detrimento das áreas rurais.

É precisamente essa consciência política que molda a percepção sobre a principal ameaça ao território: a mineração. Enquanto o discurso hegemônico tenta vender a exploração extrativista como a única via para a geração de empregos e infraestrutura, a vivência diária do morador comum reverte essa conversa. A observação cotidiana da alteração do regime de chuvas, do adoecimento da vegetação pelo pó minerário e da ameaça direta às nascentes configura um nível de letramento ambiental que supera, muitas vezes, as análises tecnocráticas de

impacto que ignoram o longo tempo de vivência dos moradores no lugar. Para quem escolheu Botafogo para criar raízes, a mineração não é apenas um vizinho industrial, mas um agente de desintegração social que compromete a própria base física, como o solo, a água e a biodiversidade, que sustenta a existência das futuras gerações.

Nesse cenário de pressões externas, a decisão de permanecer no distrito assume um caráter de resistência territorial definitiva. Existe um entendimento profundo de que Botafogo possui atributos únicos que poderiam, em um modelo de gestão pública sério, sustentar economias baseadas no turismo ecológico, na educação ambiental e na valorização do patrimônio, sem precisar exaurir o território. A permanência em Botafogo, portanto, não é um ato de estagnação ou de resistência ao progresso, mas sim uma defesa de um progresso que não destrua as condições de habitabilidade.

A perspectiva do morador comum é o elo que unifica as várias dimensões da pesquisa. É através das ações cotidianas que o distrito se afirma como um lugar de vida, onde cada habitante, ao cuidar do seu lote e manter seus saberes, constrói, na prática, uma barreira contra o esvaziamento do território. O habitar, portanto, torna-se a estratégia mais eficaz para garantir que Botafogo não se torne apenas mais uma cicatriz na paisagem minerária de Minas Gerais, mas sim um distrito vivo, autônomo e consciente de seu próprio valor existencial.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho se estruturou na necessidade de compreender uma contradição no planejamento territorial de Ouro Preto, evidenciada pela coexistência entre um distrito-sede extremamente representado por seu valor histórico e monumental e a invisibilidade institucional de suas áreas rurais periféricas, como o subdistrito de Botafogo. Ao longo da pesquisa, ficou evidente que a ausência de Botafogo nos mapas de zoneamento e nos planos diretores municipais não se trata de uma omissão técnica, mas de uma negligência política estrutural. O território, entendido pela gestão pública através da lógica do Espaço Abstrato, é reduzido às suas carências de infraestrutura urbana, sofrendo com o que Milton Santos define como cidadania mutilada. Sem transporte adequado, sem saneamento e sem representatividade, a comunidade é deixada à margem do direito à cidade.

Contudo, a principal revelação desta pesquisa não reside na constatação do abandono estatal, mas na resposta do território a ele. A análise das dinâmicas locais demonstrou que a negligência do planejamento urbano não foi capaz de apagar a vitalidade do Botafogo. Diferentemente disso, ela foi respondida através da apropriação espacial e das "artes de fazer" de seus moradores. Onde os órgãos responsáveis falham em prover o básico, a comunidade atua por meio de táticas de sobrevivência e autonomia. As trajetórias analisadas — do apicultor que transforma a arquitetura de seu quintal para escoar sua produção, ao ceramista que adapta seus fornos à matéria-prima, passando pelo benzedor que tece redes de cuidado imaterial e pela moradora que transforma a gestão ambiental de seu lote em autonomia doméstica — provam que o rural não é um vazio aguardando urbanização. Ele é um Espaço Vivido, ativamente produzido pela rotina de quem o habita.

Dessa forma, as práticas cotidianas em Botafogo deixam de ser apenas modos de subsistência e revelam-se como intervenções urbanísticas silenciosas. Os moradores ocupam e fabricam o espaço diariamente. Essa produção de presença adquire um peso político inestimável quando colocada frente à ameaça da expansão

minerária no Quadrilátero Aquífero-Ferrífero. Ao manterem a terra produtiva, preservarem a biodiversidade e fortalecerem as redes de vizinhança, os moradores negam a narrativa de que o território está disponível para a destruição. O cotidiano, com seus ritmos ditados pela natureza e pelas relações humanas, converte-se na principal forma de resistência do lugar.

Nesse sentido, ao retornar o olhar para o território, sob a visão da Arquitetura e do Urbanismo, mas sem abandonar a perspectiva de quem pertence ao lugar e o vivencia desde a infância, pode-se dizer que o verdadeiro planejamento territorial deve reconhecer e legitimar as potências das zonas rurais. O vínculo pessoal com o local, onde laços familiares e memórias afetivas se cruzam com o cotidiano de cuidado e trabalho, provou-se não um viés que limita a pesquisa, mas a lente necessária para enxergar a riqueza espacial que o planejamento oficial escolhe apagar.

A disciplina urbana falha quando tenta enquadrar a complexidade da vida no campo em planilhas rígidas de zoneamento ou métricas exclusivas de infraestrutura central. A localidade de Botafogo ensina que há arquitetura na manipulação tática de um quintal, há urbanismo na rede de confiança que escoa a produção artesanal, e há planejamento na simbiose entre a moradia e os ciclos naturais. Diante de realidades pressionadas por lógicas extrativistas, o papel do arquiteto e urbanista não pode se restringir a impor normativas de um "progresso" padronizado. Cabe a esse profissional atuar como um mediador crítico, capaz de desvendar e dar suporte à vida que já existe, adaptando as políticas públicas para que elas sirvam às reais lógicas de habitar da comunidade, e não o inverso.

Por fim, este trabalho evidencia que a comunidade de Botafogo afirma sua existência, diariamente, através das suas "artes de fazer". Documentar essas táticas e a complexidade desse Espaço Vivido é uma contribuição política e acadêmica contra a invisibilidade institucional. Que o olhar sobre o rural deixe, definitivamente, de ser pautado por suas ausências, e passe a ser guiado pelo reconhecimento da autonomia de quem faz da própria casa, do quintal e da memória coletiva a sua mais legítima e poderosa ferramenta de defesa do território.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOHRER, Alex Fernandes. **Ouro Preto: Um Novo Olhar**. São Paulo: Scortecci, 2011.

CARNEIRO, Bárbara Luíza. **A Comunidade do Botafogo, Ouro Peto e a Capela de Santo Amaro: Relações Simbólicas e Medidas de Proteção**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tecnologia em Conservação e Restauro) - Instituto Federal de Minas Gerais. Ouro Preto, Minas Gerais.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Adivane, *et al*. **Relatório Pesquisa Botafogo - Ouro Preto (MG)**. Departamento de Geologia da Escola de Minas (DEGEO EM), Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG. 2024.

ECHTERNACHT, Livia et al. **Technical quality of flora baseline surveys in environmental impact assessment: a counterproof study of a mining project in Minas Gerais, Brazil**. Impact Assessment and Project Appraisal, [s. l.], v. 44, n. 3, p. 215-225, 12 mai. 2026. DOI: 10.1080/14615517.2026.2658378. Disponível em: tandfonline.com. Acesso em: 12 jun.2026.

IBGE – Instituto Brasileito de Geografia e Estatística. **Proposta metodológica para classificação dos espaços do rural, do urbano e da natureza no Brasil/IBGE, Coordenação de Geografia**. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102019. Acesso em: 26 jul. 2025.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). 2006.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5ª ed. São Paulo: Centauro, 2001.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **O conceito de espaço rural em questão.** Terra Livre São Paulo Ano 18, n. 19, p. 95-112. 2002.

MIRANDA, Marcos Paulo de Souza; ALVARENGA, Luciano J.. **Valos, currais e muros de pedra em Minas**. In Situ.Informativo do Centro de Arqueologia Annette Laming Emperaire. N°8. p. 1-3. 2017.

OURO PRETO. **Lei Complementar N° 29 de 28 de dezembro de 2006**. Estabelece o Plano Diretor do Município de Ouro Preto. Ouro Preto. 2006

OURO PRETO. **PL1116/2023**. Declara como patrimônio ambiental, histórico, cultural, religioso, turístico, paisagístico, hídrico e social, de natureza material e imaterial de Minas Gerais, a Serra do Botafogo (também conhecida como "Serra de Ouro Preto"

e “Serra do Amolar”), em Ouro Preto. 2023. Disponível em: https://www.almg.gov.br/projetos-de-lei/PL/1116/2023. Acesso em: 15 jul. 2025.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SIAAPM. **Arquivo Público Mineiro**. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos/brtacervo.php?cid=221&op=1. Acesso em 15 jul. 2025.

SOARES, Jussara Duarte. **Entre as montanhas de Minas: o patrimônio de Rodrigo Silva**. São Paulo: Scortecci, 2015.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

APÊNDICE

Apêndice 1 - transcrição da entrevista com o Sr. Joaquim

Local: Botafogo, Ouro Preto – MG
Entrevistado: Joaquim (Benzedor e morador local)
Entrevistadora: Ellen Maria Fernandes Papa

Ellen: Tem, mais ou menos, quanto tempo o senhor mora aqui? Como o senhor veio pra cá?

Joaquim: Eu cheguei aqui no ano de 1964, primeiro de janeiro. Lembro até o dia. (risos).

Ellen: E por que o senhor veio pra Botafogo? Porque o senhor é lá de Furquim, né?

Joaquim: Eu morava em Ouro Preto, né, e de Ouro Preto eu vim pra aqui. Mas sou nascido em Furquim.

Ellen: Mas por que o senhor veio? Já conhecia Botafogo? Veio a trabalho? O senhor trabalhava de caseiro na casa lá em cima, né?...

Joaquim: Eu já era casado, veio eu e minha esposa, sua vó e aí a gente morou na casa lá de cima. A casa era cedida.

Ellen: Essa casa é a mesma que o senhor morou até antes de construírem essa aqui, né?

Joaquim: É... desde que eu cheguei aqui foi a mesma casa a vida toda. Sua mãe, seus tios nasceram e cresceram tudo lá. Os mais velhos viveram muito tempo indo pra lá também, porque a gente morou lá muito tempo. Até você, Maria Eduarda viveu lá um tempo também, né? Mas os mais velhos conviveram mais. Agora, Enzo, Pietro e Miguel não… Eles não devem nem lembrar… Aí depois que seus tios construíram essa casa aqui pra mim e sua avó.

Ellen: É... eu lembro bastante de lá. Acho que Enzo, Miguel e Pietro não tinham nem nascido ainda quando vocês se mudaram pra cá... e a casa lá era pequena pra caber todo mundo, né? (risos).

Joaquim: Era... era muita gente e quando vinha todo mundo, quando era férias, quase não cabia. O terreno era bem grande, né? Tinha horta, tinha plantação, animal... bastante lugar pra brincar tinha tudo, mas dentro de casa era pequeno quando tava todo mundo junto.

Ellen: Eu lembro, mas era bom porque vivia todo mundo juntinho, né? (risos). A gente colocava uns colchões na sala e no outro quarto e de algum jeito cabia todo

mundo. Só no quarto do senhor e da minha vó que não podia dormir ninguém… (risos). Mas era bom porque tinha bastante coisa pra fazer. A gente andava por lá tudo, andava no meio do mato, ia brincar na horta, andava de bicicleta... até guerra de lama a gente já fez lá… (risos). A gente gostava muito de ficar lá na porteira também, né? Nós sempre se juntava lá e ficava. Se deixasse, ficava a noite inteira. (risos). E lá antes tinha bastante animal mesmo, tinha galinha, cachorro, passarinho, eu lembro que tinha até tucano. (risos).

Joaquim: É... lá era bom mesmo, mas a casa de hoje é melhor, né? Mesmo com a casa grande ainda é todo mundo unido igual antes. É grande, tem quarto pra todo mundo, e o quintal também é grande igual lá, mas agora não tem mais tanta coisa, né? Lá tinha até lagoa de peixe que fizeram. Aqui só teve galinha um tempo, agora tem só a horta e os cachorros. A horta quem cuida são seus tios quando eles vêm, porque agora eu não dou conta, né? Aqui, agora eu tenho até meu quartinho pra benzer… lá eu benzia dentro de casa ou na varanda. Aí agora tem o quartinho que o pessoal já chega e vai direto lá.

Ellen: Verdade… Isso é bom porque não fica entrando gente desconhecida dentro de casa, né?... E como que era Botafogo quando o senhor e minha vó vieram pra cá? Mudou muita coisa? Era muito diferente ou não mudou quase nada?

Joaquim: Mudou praticamente quase nada. Foi sempre a mesma coisa, quase tudo igual. Antes aqui tinha uma escola, né? Aquela lá na capela. O que mais mudou foi isso, porque agora não tem escola mais.

Ellen: Das pessoas daqui, tem muita gente daquela época ainda?

Joaquim: As pessoas mudaram. Veio muita gente de fora morar aqui, mas a relação de todo mundo é boa. Tem muita gente mais velha, mas agora é quase todo mundo diferente.

Ellen: E quando o senhor começou a benzer? Antes de vir pra cá, o senhor já benzia ou começou a benzer depois?

Joaquim: Eu comecei a benzer quando eu tava pra lá de Belo Horizonte, lá em Lapinha. Aprendi a benzer lá no ano de 1962.

Ellen: Pouco tempo antes de o senhor mudar pra cá, então... Aí o senhor veio pra cá e já benzia as pessoas? Como que começou?

Joaquim: Ah, toda a vida eu benzi, né... Desde que eu aprendi, eu não parei não… Toda a vida eu benzi.

Ellen: E vem muita gente de fora benzer com o senhor, né? Antigamente já vinha bastante gente assim?

Joaquim: Não... era mais gente daqui mesmo... Às vezes também vinha, mas era um ou outro só.

Ellen: Antigamente era mais gente conhecida, então?

Joaquim: Era mais gente conhecida.

Ellen: E como o senhor acha que esse tanto de gente ficou sabendo... como que eles chegaram até o senhor?

Joaquim: Contato, né? Vão comentando com todo mundo e eles vêm aqui.

Ellen: E já veio gente de muitos lugares, né?

Joaquim: É... que nem eu falei, antes era todo mundo da região, mas agora vem de tudo quanto é canto... já veio gente até do Ceará benzer comigo… da Bahia, São Paulo... esses lugar tudo.

Ellen: E essas pessoas vêm aqui várias vezes, né? O senhor sempre fala que é bom benzer três vezes pra funcionar, então todo mundo sempre acaba voltando.

Joaquim: Geralmente todo mundo volta mesmo e todo mundo gosta bastante.

Ellen: O senhor falou que começou a benzer antes de vir pra cá, né? Mas o senhor acha que se o senhor morasse em outro lugar, que não fosse Botafogo, ainda ia continuar benzendo?

Joaquim: Ah, isso aí é uma coisa que eu aprendi e nunca vou parar... Enquanto eu tiver vivo ainda vou continuar benzendo, em qualquer lugar. Mas aqui é bom porque nessas cidades grandes não tem disso, né? Por isso que as pessoas vêm pra cá benzer... Todo mundo que benze é mais em lugar assim.

Ellen: E quase não acha gente pra benzer que nem o senhor, né? É muito difícil encontrar alguém... Lá em Passagem tinha uma moça que benzia também, mas acho que era diferente.

Joaquim: É... agora é mais difícil. Eu não conheço ninguém que faz igual eu. Mas não é todo mundo que tem interesse não.

Ellen: E o senhor gosta de morar aqui em Botafogo? De benzer aqui?

Joaquim: Gosto, gosto... Aqui é bom, é um lugar… um lugar sossegado, tranquilo. De vez em quando vem um ou outro querendo fazer alguma coisa aqui, que nem tão querendo agora, mas nunca foi frente não.

Ellen: E sempre foi tranquilo assim, né?

Joaquim: É... a vida toda aqui foi sossegado.

Ellen: E a relação com as outras pessoas daqui? Como que é com os outros moradores?

Joaquim: Não entendi a pergunta.

Ellen: O senhor que tá aqui todo dia, como que é a vivência com o pessoal que mora aqui? É tudo bem tranquilo, né?

Joaquim: É... a convivência é igual, não mudou nada não. Todo mundo se trata bem.

Ellen: É bem tranquila, né?

Joaquim: É tranquila.

Ellen: E o que que o senhor sente de mais diferente de morar aqui e nos outros lugares onde o senhor já morou?

Joaquim: Eu já tô acostumado com aqui já... O mais diferente é que aqui não tem nada. Comércio, coisa assim, tem que ir lá em Ouro Preto ou Cachoeira.

Ellen: E quando o senhor veio, estranhou alguma coisa? Achou diferente?

Joaquim: Não... antigamente não tinha tanto isso de diferente não. Estranhei quase nada. Tinha contato com todo mundo… Era bom.

Ellen: Entendi... E tem algum acontecimento, alguma coisa que aconteceu aqui em Botafogo que o senhor lembra? Alguma coisa que marcou o senhor?

Joaquim: Tem a festa de Santo Amaro aqui que vem muita gente... Fica cheio aqui. Eu não vou mais porque não dou conta, mas sua vó gostava. Dava amêndoa na procissão e todo mundo trazia. Ela gostava bastante.

Ellen: O senhor já comentou de um filme que já gravou aqui, não teve? Acho que tem até uma foto sua e da minha vó vestidos pro filme.

Joaquim: Ah é… gravou um filme aqui mesmo. Isso foi lá na casa do doutor Caran.

Ellen: E a foto que tem, você e minha vó participaram?

Joaquim: Participamos.

Ellen: E vocês fizeram o quê?

Eliana, minha mãe: (Ao fundo) Foram figurantes.

Joaquim: É porque eles tavam fazendo um filme sobre a morte de Aleijadinho.

Ellen: Entendi.

Joaquim: Aí, eles tavam querendo colocar sua avó pra beijar, namorar um cara, mas eu não deixei não. Eu falei: "eu não aceito isso não".

Ellen: Aí o senhor não deixou ela participar, então?

Joaquim: Eu falei: "ela pode participar, não tem problema ela participar, mas de menos isso aí de namorar que eu não quero não".

Ellen: Aí ela fez outra coisa?

Joaquim: Aí ela participou fazendo um negócio lá que Aleijadinho tava doente, não sei o que lá... Não sei direito mais não.

Ellen: E o senhor lembra quando foi isso, mais ou menos?

Joaquim: Não, não alembro não.

Eliana: (Ao fundo) Nossa, tem muitos anos... Acho que você ainda não era nem nascida... Nem sei.

Ellen: Vou procurar depois pra ver se eu acho em algum lugar… Aí, só pra terminar... O senhor gosta de morar aqui?

Joaquim: Não entendi... Se eu gosto de morar aqui?

Ellen: É…

Joaquim: Gosto, gosto sim. Não tem nada pra reclamar daqui não. Aqui é muito bom mesmo. Não tem barulho, não tem bagunça... bem sossegado. É muito bom.

(Fim da conversa)

Apêndice 2 - transcrição de uma segunda conversa com o Sr. Joaquim

Local: Botafogo, Ouro Preto – MG
Entrevistado: Joaquim (Benzedor e morador local)
Entrevistadora: Ellen Maria Fernandes Papa

Ellen: Como que o senhor aprendeu a benzer assim?

Joaquim: Eu aprendi com o curador, sabe? Eu estava doente, eu estava com 22 anos. Eu adoeci... eu não trabalhava em Ouro Preto, não. Eu trabalhava lá no Sertão. Aí tinha dois anos que eu trabalhava lá. Isso foi em 62 que eu aprendi a benzer. Em 1962. Eu trabalhava num bar... eu tomava conta do bar. Um restaurante. E eu adoeci. Tudo o que eu comia voltava, tudo o que eu comia voltava. Eu subia assim numa árvore, uma figueira, perto daquela aula. Ia lá em cima e ia quebrando as galhas tudo para baixo. Quebrando tudo. Pegava num arame assim, ó... puxava, parece que entrava um espírito, não sei. Eu puxava ele aqui assim, ó, tinha... de onde veio tanta força? Soltava os gamos tudo.

Ellen: Nossa Senhora.

Joaquim: Eu não estava trabalhando, não. Porque o almoço, a janta, o almoço voltava. Acabava de tomar o café, o café voltava. Aí o meu patrão falou assim comigo: "Nossa, você é um empregado muito bom. Vou levar você num doutor especialista lá em Lagoa Santa". Aí me colocou no caminhão dele de madrugada, me levou lá. Chegou lá, o médico especialista me examinou tudo e falou assim: "Você não tem nada. Você tem é que parar de fumar".

Ellen: Ah, na época o senhor fumava também?

Joaquim: Fumava. Tinha dois anos que eu fumava. Aí receitou dois comprimidozinhos assim numa caixinha, falou assim: “Vou receitar esse negócio do fígado seu só para... você não tem nada, não, mas só porque você está vomitando". Fui embora para casa, mas não parei de fumar, não.

Ellen: E aí não melhorou, né?

Joaquim: Não melhorei também, não. Tomei os dois remédios que ele me deu, não melhorei, não. Continuou a mesma coisa. Aí meu patrão falou comigo assim: "O recurso que eu tenho agora é levar você... tem um lugar igual São Bartolomeu, eu vou levar você lá em Dom Belmiro, num arraial que tem lá. Tem um curador especialista lá. Ele é o cara, viu? Ele cura mesmo". Aí me levou lá de caminhão. Foi ele e o filho dele. Daí eu não entendi... até hoje eu não entendi o que aconteceu. Quando nós apontamos assim no alto, o arraial lá embaixo, no fundo, igual São Bartolomeu assim. Eu avistei lá embaixo, avistei a fazenda dele, ele já sabia onde é que era. Falou: "Olha, aquela fazenda lá embaixo é a dele, ó". Do lado de fora assim estava cheio de gente. Eram umas 7 horas... 7:30 da manhã.

Ellen: E todo mundo que estava lá era pra benzer também?

Joaquim: Para benzer, que estava lá. Aí quando nós chegamos lá... tinha um quartinho igual esses dois quartinhos meus assim, ó. O quartinho dele trabalhar, e no outro quartinho que trabalhava uma moça. Aí cheguei na janela… tinha todo mundo sentado já, esperando, sabe? Falou comigo assim, ó: "Só 11 horas tem vaga, todo mundo aí tá na frente do senhor aí". Eram umas 8 horas. Aí eu falei: "Pode marcar para 11 horas". Quando deu a hora que eu entrei, ele pegou e falou comigo assim: "Põe a sua mão aqui em cima da mesa". E começou e falou comigo: "O senhor não tem nada, não. O senhor está fumando muito, né? Quantos maços de cigarro o senhor fuma por dia?" Falei: "Eu fumo por semana... é um pacote com 10, com mais dois, três maços no fim de semana".

Ellen: Nossa Senhora, o senhor fumava demais então…

Joaquim: Uns 12, 14 maços por semana. E ele: "Se o senhor não parar, o senhor não vai chegar nos 40 anos". Eu estava com 22 anos. Falei: "Eu vou parar". Aí ele fez umas perguntas lá, o que que eu fazia, o que eu não fazia. Aí eu respondi tudo para ele, sabe? Falou comigo assim: "E tem uma coisa. Você tem uma aura. Se você não aprender a benzer, você não melhora".

Ellen: Ah, ele falou que o senhor tinha o quê? Uma aura?

Joaquim: Aura. Eu nem sei o que que era isso. Aí eu falei com ele assim: "Mas eu vou benzer como? O que eu sei rezar é Pai Nosso, Ave Maria, Salve Rainha, Creio em Deus Pai. Mas meu pai era benzedor". Quando eu falei com ele assim, ele falou: "Quem sabe o espírito do seu pai está encostado em você?" (Risos) Falou comigo isso. Aí falou comigo assim: "Você vai ser homem ou não vai? Você vai parar de fumar?" Falei: "Vou". "Olha, mas você tem que parar de fumar, hein? Você não vai a 40 anos". O mesmo que o médico falou, ele falou. Aí ele falou assim: "Tem uma coisa". E deu o nome de um livro pra eu comprar... "Você estuda no livro, você vai aprender a benzer". O filho do meu patrão estava com nós... ele que olhava o bar todo lá, ele que era praticamente o gerente de lá, sabe? Aí o curador falou comigo: "Ó, se aparecer alguém doente hoje, o senhor fala que sabe benzer e benze a pessoa do jeito que for. Mas o senhor não conta nada do que passou aqui dentro... comigo aqui, o senhor não conta nada para ninguém". Falei: "Está bom". Aí fui chegando em casa, peguei os maços de cigarro, joguei eles para o meio do mato afora. Quando foi no caminho, o filho do meu patrão... ele falou assim… "Vamos lá na casa da... no bar da Casa das Comadres hoje à noite?" Falei: "Vamos, uai. Que horas que você vai?" Aí ele falou comigo assim: "7 horas em ponto nós vamos para lá". Falei: "Vou sim". Aí acabou que na hora de sair ele falou comigo assim: "Eu não vou mais, não". Falei: "Por que você não vai?" "Eu estou rolando de dor de dente. Estou doido de dor de dente".

Ellen: No mesmo dia que o senhor foi benzer?

Joaquim: No mesmo dia. Aí eu falei com ele assim: "Eu sei benzer. Eu benzo para você a dor de dente".

Ellen: Nem tinha benzido ninguém ainda?

Joaquim: Não tinha benzido ninguém, ele é o primeiro. Por isso que eu não entendi nada até hoje. Parece que o curador que mandou. Aí eu falei que sabia benzer. Aí ele começou a rir, que ele era fortão, sabe? Alto. Ele começou a rir, em pé na porta... eu tinha o apelido de Bichinho, né? "Ah, Bichinho... tem quase três anos que você trabalha aqui em casa, você nunca benzeu ninguém, nunca falou que sabe benzer". Falei: "Sei, sim". Aí foi essa que ele foi se enfezar, né? Falou comigo assim: "Então benze para mim aqui, ó. Estou doido de dor de dente". O curador mandou pegar ramo verde, benzer com ramo verde, sabe? "Você reza um Pai Nosso, uma Ave Maria para o santo da sua devoção e benze a pessoa. Pede melhora para aquilo que estiver sentindo". Eu toda vida gostei muito de Nossa Senhora de Montserrat. Fiz a oração... ofereci para Nossa Senhora do Montserrat, fiz a cruz assim do lado do dente que ele estava doendo e falei com ele assim, ó: "Nossa Senhora do Montserrat que dê a sua melhora do dente". Ele saiu, foi embora, ainda rindo ainda, né? Mas foi só enquanto eu sentei no banco na cozinha lá... aí ele veio assobiando no beco: "Vamos embora?" Falei: "Uai, e a dor de dente?" "Não tenho dor de dente mais, não. Quando que eu cheguei no meio do caminho aqui, o dente deu um estalo que parou de doer".

Ellen: O senhor benzeu, então, sem saber de nada, só as orações que o senhor conhecia. E as folhas que precisavam, era qualquer uma?

Joaquim: Ele falou comigo, podia ser qualquer folha. Não sendo de espinho, árvore de espinho. Mas qualquer folha servia. Mas a folha necessária mesmo era arruda e guiné. E por acaso, só na porta de casa, lá no boteco, tinha uma touceira de guiné. Aí eu peguei as folhas de guiné.

Ellen: É, e depois o senhor comprou o livro que ele falou para o senhor?

Joaquim: Aí eu pedi a um colega meu que mexia com isso, ele tinha escritório, sabe? Aí ele fez o pedido, com um pouco o livro chegou. Aí comecei a benzer para todo mundo, sabe?

Ellen: Mas aí como o senhor... igual quando o senhor benze, aí a folha fica murcha, essas coisas assim... como que o senhor descobriu?

Joaquim: Não, mas aquilo aí o curador explicou. "A pessoa que tiver com mau-olhado, nem que for que é... a folha murcha". Ele explicou tudo direitinho, nos livros também tinha isso.

Ellen: É, e se for alguém de outra religião, não tem problema, não?

Joaquim: De outra religião? Não tem problema nenhum, não. O caso é o seguinte... tem que pedir. Porque não adianta chegar aqui, falar comigo assim: "Eu tenho outra religião". Agora, se pedir para benzer... eu sou obrigado a benzer.

Ellen: É, que a cura também é a fé da pessoa, né? A pessoa tem que acreditar.

Joaquim: É. Inclusive, tem uma dona de outra religião. A filha dessa dona arrumou um neném... o menino adoeceu, levou ele para o médico, corre para o médico, corre para o

outro, leva para Sabará, para Cachoeira do Campo, todo lado, sabe? O menino foi só piorando. O menino estava com um ano, sabe? Aí ela pegou e trouxe aqui. A filha dela também veio e falou: "Eu não quero nem ver". Porque ela não acreditava. Falei: "Olha, a senhora não acredita. A filha da senhora não acredita. O marido da senhora acredita, então o marido da senhora segura a criança para mim". O marido dela entrou, benzeu o menino. Aí fui lá duas vezes na casa deles benzer o menino... sarou, o menino sarou. E curou o menino sem ela acreditar.

Ellen: E ela sem acreditar.

Joaquim: Mas já aconteceu de eu benzer muitos aqui... que é crente vinha aqui e não benzia. Tinha uma dona que morava aqui embaixo... ela vinha aqui, ela era crente, mas ela segurava o menino para benzer. Mas o curador falou comigo na hora lá: "Existem muitos curadores, mas a pessoa chega e fala assim: 'Estou com dor de cabeça'. Ele te benze a dor de cabeça de sol ou de sereno. Nós, curador nenhum, sabe qual é a dor de cabeça que a pessoa tem".

Ellen: Uhum.

Joaquim: "Então o senhor vai falar o seguinte: benzer dor de cabeça de sol, sereno, sereno da lua, sereno das estrelas, sereno da madrugada, maresia, dor de cabeça de mau-olhado, dor de cabeça de fixação, dor de cabeça de sinusite... qualquer tipo de dor de cabeça, uma dessas tem que ser". (Risos) Porque não adianta você falar: "Ah, vou benzer você de dor de cabeça de sol..." e não sabe qual que é.

Ellen: É, verdade.

Joaquim: Ele deu muita explicação boa. Falou: "Mesmo se o senhor estivesse nervoso... se o senhor chamasse para benzer, na mesma hora o seu nervoso acabava". Se o senhor estiver com estado nervoso, não atende não. Você tem que ter calma, tranquilo.

Ellen: E depois o senhor voltou lá nele, depois?

Joaquim: Voltei não, nunca mais eu voltei lá nele... foi uma vez só. Aprendi a benzer e não voltei lá mais, não. E quando eu casei, ninguém... ninguém sabia que eu benzia, não. Nem minha esposa. Não contei nada para ela, não. Aí nós fomos passear na casa da mãe dela, e a irmã dela, a Raimunda, estava lá. Ela falou que não aguentava parar em pé, estava chorando de dor na coluna. Aí eu falei com a Raimunda: "Se você quiser, eu benzo você". Minha esposa foi a primeira que falou: "Uai... você nunca falou comigo que sabe benzer". Chamei ela, benzi ela... você acredita que eu benzi ela a primeira vez e ela melhorou?

Ellen: Melhorou?

Joaquim: Melhorou. Acabou a dor.

Ellen: Ah, o senhor geralmente fala que tem que benzer três vezes, né? Por quê?

Joaquim: As três vezes é porque... o mal não sai de uma vez, não. Hoje sai um bocado, amanhã sai outro bocado... se você benzer daí a oito dias ou três, o resto sai. Mas o melhor é benzer as vezes e acaba.

Joaquim: Outro causo foi uma menina que tinha uma carne na língua dela que ficava para o lado de fora da boca. Nasceu grudado na língua dela, aí o pai levou ela lá em casa, ela estava no colo ainda, sabe? O médico falou que só quando ela estivesse com 12 anos que ele podia fazer a operação, tirar esse dedo da língua dela. Falei: "Não vou falar para você que vai cair com um dia ou dois ou três, não... mas eu sei de uma simpatia que eu posso fazer e às vezes dá certo de cair". Eu falei com o pai dela que precisava de ter 36 caroços de arruda. Eu apanhei as 36, vim, benzi... fiz as três vezes e no dia seguinte tinha caído.

Ellen: Ah, não fez cirurgia, não precisou nem de cirurgia?

Joaquim: É... não precisou nem de operar...

Ellen: Nossa. Tem coisa que é melhor que médico mesmo…

Joaquim: É, aí aconteceu... Você não foi com nós, não, é... você sabe disso, acho que você sabe. O negócio que eu fui... na Bahia você sabe, não sabe? O que aconteceu na Bahia? Foi 16 pessoas. Nós fomos para a Bahia, Prado, Bahia.

Ellen: Ah, eu fui, mas eu não estava na casa na hora que aconteceu isso não, só ouvi o pessoal comentando.

Joaquim: Uai, o Luciano… eu não ia viajar não, mas o Luciano todo dia chegava 5:30, 6:00 e pouco e falava: "Pai, tem um lugar sobrando, o senhor vai ou não vai?" "Vou não, não quero ir não." Aí no último dia, eu estava esperando ele na janela, aí quando ele desceu do carro, falei: "Luciano, vem cá. Você vai sair amanhã de madrugada?" "É, 5:00." Falei: "Eu vou com vocês amanhã."

Ellen: Aham.

Joaquim: Aí ele falou: "Ah, o senhor não vai nada, o senhor está o mês inteiro falando que não vai, que não vai. Hoje o senhor fala que vai?" Falei: "Hoje sim". “Então o senhor arranja a mala do senhor aí, vou sair 5:00." Às 5:00 eu tomei banho e tava pronto. Aí fui com eles, nós chegamos lá 8:00 da noite. Fui descendo da van, o moço estava lá esperando com as chaves na mão. Falou: "Quem de vocês que alugou aqui?" Aí acho que foi o Quinca ou Luciano, não sei… Os dois conversaram com ele. Ele falou assim: "Eu sou empregado aqui, eu que zelo por isso aqui. Tem piscina, os quartos tudo tem televisão, tem banheiro... Tem todo conforto, churrasqueira, cozinha, tem tudo aí." Mostrou tudo. Aí na hora de ele ir embora, ele parou na minha frente e falou comigo assim: "A casa desse moço que é pareada, essa casa de dois andares, é do dono dessa casa aqui, viu? Ele mandou perguntar se 9:00 ele pode vir aqui". Aí eu falei: "Pode vir, uai, 9:00 pode vir, que ninguém vai na praia agora essa hora, não. Nós estamos cansados de viagem, então tomar um lanche e vamos caçar é cama, né? 9:00 ele pode vir." Aí, minha filha, quando foi 9:00 em ponto... ele foi lá.

Eu estava sentado no sofá, eu era o último. Ele passou assim no portão, eu já conheci ele. Mas eu lembrei de um caso que aconteceu com um moço em Ouro Preto… gente daqui de Botafogo. Encontrei com o cara: "Olha, Neném, você está morando... mais de um ano nós não encontramos, Neném!" O cara me xingou todo: "Por isso que a gente morre, uai! Parecer com os outros, sô. Não sou Neném, não, sô."

Ellen: O senhor achou que era uma pessoa e era outra?

Joaquim: Foi… mas aí eu reconheci ele lá, o cara lá em Prado, mas lembrei desse caso, falei: "Não vou mexer com ele, não, que pode só parecer com alguém e não ser."

Ellen: Uhum.

Joaquim: Aí ele entrou, passou perto de mim, Carioca é testemunha. Ele entrou e bateu assim no meu ombro: "Como vai, o senhor tá bom?" "Tudo bem." De cabeça baixa, não olhei para a cara dele, não. Chamou o Carioca, o outro lá na frente: "Quem que alugou aqui?" Aí foi lá e conversou com eles, aí voltou... ficou em pé na minha frente, mas não olhei para a cara dele, não. Eu pensei: "Pode parecer e não ser, aí xingar a gente..." Aí ele pegou e falou: "Posso bater no ombro do senhor?" "Perfeitamente, meu amigo." Ele foi e deu três tapinhas aqui assim: "Por acaso o senhor me conhece?" Ah, quando ele falou assim, eu levantei, pareei cara a cara com ele: "Eu te conheci na hora que você entrou no portão ali". "Por que que o senhor me conheceu?" "Olha, eu não sei por que que eu reconheci o senhor, eu não sei." Aí diz que o Carioca ficou desconfiado… "Vocês estão fazendo uma piada aqui ou uma brincadeira?" Falei: "Não, eu conheci ele mesmo na hora que ele entrou ali". E ele perguntando também. Aí ele falou assim: "Vou falar uma coisa para o senhor, eu conheço esse moço aqui, sabe por quê? Sei até o nome dele, o moço chama o Senhor Joaquim do Botafogo, benzedor. Não é Seu Joaquim?" Falei: "É, o senhor falou a verdade, é esse mesmo." Falou: "Vou contar uma coisa para você aí... Ó, a dona do Seu Joaquim é escurinha, muito boa, ela tinha uma televisão grande na sala, ela falou comigo e minha esposa que ela ficava de 1:00 da tarde até 10:00 da noite assistindo novela na Globo. E no intervalo da novela, ela era muito boa, corria na cozinha, trazia um café, e dava para nós um lanche."

Ellen: E ele lembrou direitinho do senhor, eu lembro que eu tinha saído na hora, mas eu vi as mensagens no grupo...

Joaquim: Pois é… Aí ele continuou o papo dele: "Quer dizer que o senhor me conhece, Seu Joaquim?" Falei: "Uai, eu já falei com você, conhecer eu conheço, mas qual é o motivo, eu não sei." Aí ele começou a chorar, sabe?

Ellen: Ele?

Joaquim: Ele começou a chorar muito, chorar mesmo, de soluçar. Eu não gosto de ver ninguém chorar, aí eu comecei a chorar junto com ele. Aí ele falou comigo assim: "Seu Joaquim, tem mais de 20 anos que eu levei meu bebê na casa do senhor, pro senhor dar um benzido nele para mim. Aí o senhor foi no colo da minha esposa, pediu a ela licença, o

senhor pegou o bebê e prumou no colo dela, deu uma sacudidazinha nele de leve, e tornou colocar no colo da minha esposa. O senhor veio perto de mim, mas não falou nada comigo... aí o senhor voltou no colo dela, pediu licença, tornou pegar o bebê, deu uma olhada, colocou no colo dela, aí que o senhor falou comigo..." Porque o médico mandou desenganar porque não tinha cura, não, sabe?

Ellen: Uhum.

Joaquim: "Aí o senhor voltou e falou comigo que o médico falou a verdade comigo, o meu bebê estava sem apelo, que nem as vistas dele estavam funcionando mais, estava tudo parado. Aí o senhor pegou e virou e falou: 'Estou te remendando, hein?' O senhor falou que ia pôr nas orações do senhor, que Deus ia abençoar que meu bebê ia melhorar e o meu bebê hoje é uma bela de uma moça." Ele chorando, chorando mesmo, e eu não aguentei também, chorei no peito. Aí o Luciano falou assim: "Posso tirar uma foto de vocês dois?" E puseram no grupo.

Ellen: É, eu lembro de comentarem no dia mesmo, mas eu não vi.

Joaquim: Pois é, aí tirou uma foto dos dois chorando, sabe? Aí ele falou assim: "O senhor quer conhecer o meu bebê? É uma bela de uma moça." Falei: "Quero." Ele correu lá e buscou ela, uma menina muito bonita. Aí eu falei com ele assim: "Você dá licença de eu dar um abraço nela e pedir boa sorte para ela e felicidade para ela?" "Perfeitamente." Aí trouxeram ela, apresentou, eu abracei, desejei felicidade, boa sorte. Ela foi embora e ele ficou. Aí ele ficou e falou comigo assim: "Vou te pedir uma coisa, posso?" Falei: "O que você quiser pedir, meu filho, você pode falar." "O senhor não vai achar ruim, não?" Falei: "Não, não, não. Eu nunca briguei com ninguém por conta de nada, não. Pode falar." Aí ele falou assim: "Ó, de hoje em diante, vou te chamar de pai e vou te tomar a bênção."

Ellen: Ele falou com o senhor?

Joaquim: "Vou te chamar de pai e tomar a bênção." Falei com ele mesmo assim, igual eu falo para você aqui: "Ó, meu filho, eu não sou Deus e nem Nossa Senhora, mas se você me achar o suficiente de me chamar de pai e tomar a bênção, para mim é um prazer abençoar qualquer pessoa. Tenho o maior prazer de abençoar uma pessoa. Você quer seguir essa linha, eu tenho prazer de te abençoar." Aí na hora de ele ir embora, ele me abraçou, falou: "A bênção, meu pai."

Aí quando foi nos dias todos que nós estivemos lá na Bahia. Todo dia, 8:00 ele chegava: "A bênção, meu pai." Aí "Deus te abençoe e boa sorte." À noite também vinha, 8:00 da noite ele vinha. Ele chegando, tomava a bênção, chamava de pai, na hora de sair: "A bênção, meu pai", me abraçava e chamava de pai. Foi a semana inteira. Aí no último dia, ele chegou à noite lá e falou assim: "Eu vim cá para me despedir do meu pai, tomar a ele a bênção, e despedir de vocês todos, que amanhã vocês vão sair, é domingo, e domingo eu levanto tarde. Aí então eu vim cá tomar a bênção ao meu pai e despedir de vocês."

Aí, ele tomou a bênção, foi embora. Tudo de manhã cedo, quando o dia clareou, pusemos tudo na van. Quando foi 8:00 em ponto, o Luciano falou assim: "Oh, pai, entrou todo mundo aí dentro?" Falei: "Tá todo mundo aqui dentro, tá faltando ninguém, não". “Então, vocês fazem o nome do pai aí e boa viagem para nós, partiu”.

Quando ele falou assim "partiu", ele já pisou no acelerador para sair. Falei: "Oh, Luciano, para." "Por que, pai? O que que foi?" Falei: "O moço tá saindo na porta e olhando nós aqui." E ele chegou na porta da van. Falou: "Vim aqui desejar uma boa viagem para vocês, que eu achei que não dava para me ver vocês mais, mas resolvi vir aqui ver vocês. Eu queria tomar uma bênção ao meu pai, mas você já está partindo, pode seguir as suas viagens." Aí o Luciano falou: "Ó... acabou minha pressa! Não estou com pressa mais, não. Se o senhor quer tomar a bênção ao meu pai, vai lá e pode tomar a bênção lá, fica lá até a hora que o senhor quiser ou mais. Fica a vontade". Aí ele entrou para lá, contou uma lero-lero, tomou a bênção, chorou... falou comigo assim: "Você conhece meu pai? Meu pai tem uma fazenda muito grande, perto de Piranga." Falei: "Ah, posso até conhecer, mas não sei falar para você que eu conheço." Ele falou comigo assim: "Oh, tem muito tempo que eu não vou na casa do meu pai, eu estou doido para ir lá. O dia que eu for lá, eu vou passar na sua casa e vou levar você na casa do meu pai". Falei: "Vou, pode ir que eu vou." E chorou o homem, nossa senhora...

Ellen: É. E o senhor nem queria ir na viagem, hein? Olha que coincidência. **Joaquim:** Não queria ir. Ah, parece que foi um trem que puxou para mim ir lá… para ver a filha dele que sarou e ter contato com eles, sabe? Mas aquilo me emocionou demais, nossa senhora.

Ellen: É, tem coisa que é melhor que médico, melhor que remédio.

Joaquim: Uai, é… e tem muita história assim… eu é que não me alembro de todas mais…

(Fim da conversa)

Apêndice 3 - transcrição da entrevista com o Ângelo

Local: Apiário Flores, Botafogo, Ouro Preto – MG
Entrevistado: Ângelo (Apicultor e morador local)
Entrevistadora: Ellen Maria Fernandes Papa

Ellen: Como foi que você começou a mexer com isso? Já tem muito tempo que você trabalha com apiário?

Ângelo: Ah, tem bastante tempo, viu? Tem uns 40 anos. Eu era funcionário da Alcan, lá em Ouro Preto. Aí apareceram umas abelhas para capturar e ninguém quis ir; aí acabou que era para o meu irmão ir, mas ele não quis, aí eu fui no lugar dele.

Ellen: E a partir daí você já começou a trabalhar com isso? Como que foi para começar, para aprender como funciona?

Ângelo: É, comecei mais ou menos, né? Eu fiz uns cursos antes para entender direito como era e comecei. Na família não tinha ninguém que mexia com isso não, fui eu mesmo só.

Ellen: E sempre funcionou aqui em Botafogo mesmo? Ou era em outro lugar antes?

Ângelo: Sempre foi aqui mesmo. Eu sempre morei aqui também, então sempre foi aqui. Aí era num barraquinho que tem ali para baixo, depois vou te mostrar. Mas aí teve que fazer umas mudanças, adaptar direito por causa da vigilância, aí eu fiz outras salas.

Ellen: Como que é fazer isso em Botafogo? Você disse que busca em outros lugares também, mas tem alguma diferença?

Ângelo: Até que não, o processo é o mesmo em qualquer lugar. Mas tem que ser um lugar mais calmo e tranquilo que nem é aqui, porque se não elas ficam mais agitadas; e aqui é bom, é sossegado. Não é bom ter muita casa perto também porque, quando elas estão nervosas, elas atacam. Tem que ser mais sítio, que nem é aqui.

Ellen: Mas igual você falou, que teve que adaptar por causa da vigilância, teve alguma mudança grande por causa disso?

Ângelo: Uai, teve que fazer as salinhas igual eu falei. Tem que ser tudo branco, que nem eles pedem. Mas como eu já morava aqui, não teve dificuldade não.

Ellen: Entendi… E no dia a dia, como funciona o apiário? Todo dia tem que colher o mel? Todo dia tem produção?

Ângelo: É, todo dia a gente colhe umas 60, 65 caixas com o favo para tirar o mel. Mas para apurar isso tudo, não tem como fazer tudo num dia só não.

Ellen: Mas tira isso tudo em um dia só, tudo daqui mesmo?

Ângelo: É, mas que nem eu te falei antes, não é só aqui que tem não. Eu conheço mais gente que mexe com isso, então às vezes eu busco. Eu estava lá em Piranga esses dias, aí eu trago e trato aqui, mas não muda em nada não porque é tudo mais ou menos perto, então é tranquilo.

Ellen: E tem alguma época específica que é melhor para colher o mel? Ou não faz diferença?

Ângelo: Tem sim, normalmente é de maio a junho, mas produz o ano inteiro.

Ellen: E as colmeias ficam onde? Tem algum lugar certo para deixar elas? Ou é no meio do mato mesmo?

Ângelo: Fica no meio do mato mesmo, aí fica espalhado por aí, cada uma num canto. É bom ficar perto de onde tem flor.

Ellen: Ah sim, e como você captura as abelhas para trazer para cá?

Ângelo: O pessoal avisa onde tem, geralmente onde tem enxame, aí eu pego e trago para cá. Não tem segredo não. Mas o importante mesmo é que a rainha tem que vir junto, porque se não a colmeia acaba. Depois que a rainha morre, as abelhas escolhem um ovo até o terceiro dia e fazem um casulo, tipo uma casca de amendoim, desse tamanho assim, e põem a geleia real. Aí vai transformar em outra rainha. A vida dela inteira ela só vai comer essa geleia real, um tratamento especial que ela tem.

Ellen: E a colheita, como que faz? Para colher o favo?

Ângelo: Ele já vem nas caixas. Você vai lá, pega as caixas que estão com mel e traz para cá. Você vai pegar só a parte do mel. Tem que arrebentar o furinho para você pôr na máquina. Porque se você pôr ele inteiro sem destampar, a máquina vai quebrar ele todo. Porque isso aqui tudo você usa várias vezes. O mesmo favo várias vezes. Aí elas vão fazer o mesmo processo. Se amassar um pouquinho, ela vai lá, conserta, vai encher de mel e vai tampar a mesma coisa.

Ellen: Ah, eu pensei que depois que tirava, descartava.

Ângelo: Não, não descarta não. Elas vão fazer o mel e vão tampar igual está aqui. Aí, para você passar na centrífuga... você vai encher ela e cabe 20 favos. Na hora que encher, você liga... é elétrica. Ela vai rodar, no que ela rodar, ela vai sugar o mel, você entendeu? Aí depois vem para o decantador. Às vezes ficam uns pedacinhos de cera. Em cima, a cera vai subir toda. Aí você vai embalar ele limpinho por baixo.

Ellen: E aí já tá pronto para embalar?

Ângelo: É, aí já tá pronto para embalar. Mas aqui você tem que deixar uns dois, três dias. O processo todo, uns três dias, mais ou menos, até passar na centrífuga, decantar tudo…

Ellen: E como que é o processo do própolis? Como que faz o própolis?

Ângelo: O própolis é a resina que elas tiram das plantas. Aí coloca a resina num vidro, deixa em infusão aí uns 30 dias, mais ou menos, em álcool de cereais. Depois que você processa o própolis, o extrato de própolis, você vai fazer o spray, aí você põe uma porcentagem de mel com o própolis.

Ellen: E quando o mel cristaliza, tem algum processo para fazer ele voltar ao normal?

Ângelo: É, porque o mel é o seguinte: se ele passar de 50 graus, vai perder a vitamina. Então, quem puder usar o mel cristalizado, seria um mel mais natural, entendeu? Mas se você for fazer conforme o tipo de coisa, tem que descristalizar ele. Tem a máquina, você liga lá, tem a temperatura certa. Você põe na temperatura, por exemplo, 50 graus, 40 graus. E aí vai descristalizar.

Ellen: Ah, então é quase o que a gente faz em casa mesmo, só que de forma mais controlada, porque em casa a gente só coloca na água quente.

Ângelo: É, o que o pessoal põe em casa é em banho-maria. Mas não deixando ferver muita água para não perder as vitaminas e as propriedades.

Ellen: E sobre o mel, tem alguma diferença no sabor, aparência… varia dependendo do lugar?

Ângelo: Depende das flores que ela colhe, né, aí cada lugar tem alguma característica diferente.

Ellen: E quem trabalha aqui com você? Tem muito funcionário?

Ângelo: Nada, é pouca gente… Mais pessoal daqui mesmo, minha esposa… Até porque é pequeno, né? E tem as máquinas que fazem praticamente tudo. O que dá trabalho é ir tirar o mel e abrir os favos.

Ellen: É pouca gente, mas rende bastante, né? Eu sei que tem produto do apiário em vários lugares em Ouro Preto, Belo Horizonte… Tem mais algum lugar assim para mais longe que vocês exportam?

Ângelo: É, tem muito lugar por aqui mesmo, mas vai para outros lugares também. Já mandei para lugar no Rio de Janeiro… Tem uma fábrica também do Sul que já comprou, mas aí eles compraram só o mel tratado.

Ellen: Aí quando compra assim, vai embalado com o nome de vocês mesmo?

Ângelo: Não, vai com o nome deles mesmo, da empresa; eles têm o rótulo deles tudo lá.

Ellen: E nesse tempo todo, você disse que tem 40 anos já que você mexe com isso, como que cresceu assim, como que ficou conhecido?

Ângelo: Não sei… Mas acho que começou pelo boca a boca mesmo. A gente não divulgava nem nada, mas aí as pessoas foram comentando e foi crescendo. Que nem eu falei, a gente exporta para muitos lugares o mel pronto, mas tem empresa que compra em muita quantidade, antes da embalagem e tudo, e aí eles têm o processo deles lá.

Ellen: E aí, como funciona o processo de exportar? Tem transporte próprio?

Ângelo: Não, eu não faço esse trabalho de entregar nos lugares, então a maioria vem até aqui buscar. Igual à fábrica que eu te falei, mandou buscarem aqui. Aí vem muita gente aqui em Botafogo por causa disso.

Ellen: E tem a lojinha de vocês aqui também, que vocês mesmos vendem, né? Vem muita gente aqui para comprar, para conhecer? Sem ser revendedor.

Ângelo: Ah, vem. Até que vem bastante gente de vez em quando. Tem muito turista que fica sabendo e vem conhecer, vem bastante gente de Ouro Preto mesmo também.

Ellen: É quase um ponto turístico, né? Aí para terminar, você já disse que mora aqui e faz isso aqui em Botafogo desde sempre, mas você acha que faria esse tipo de coisa em outro lugar? Como que é a relação com o Botafogo?

Ângelo: Isso dá para fazer em qualquer lugar, né? Mas eu gosto daqui. Não tem por que fazer isso em outro lugar não. Morei a vida inteira aqui e faço isso aqui também já tem 40 anos, então tem que gostar, né? Os vizinhos são tudo conhecidos, não tem muita casa perto, então não tem problema nenhum com nada. E fazer isso aqui é bom porque, igual eu falei, vem gente conhecer o apiário e acaba que conhece Botafogo também.

Apêndice 4 - transcrição da entrevista com o Élcio

Local: Botafogo, Ouro Preto – MG
Entrevistada: Élcio (Morador, artesão e ceramista)
Entrevistadora: Ellen Maria Fernandes Papa

Ellen: Como que você chegou aqui em Botafogo, Élcio? Você já é...

Élcio: É, eu fui convidado pra trabalhar aqui pelo Paulo Rogério em 1999.

Ellen: Aham.

Élcio: Aí tá com 27 anos que eu tô aqui.

Ellen: 27 anos? Aí você veio por causa do trabalho que você faz, por causa da cerâmica?

Élcio: Eu vim fazer cerâmica.

Ellen: Exatamente. E como que você aprendeu? Aonde que...

Élcio: Eu entrei na cerâmica com 13 anos de idade, fazendo faxina, limpando a cerâmica, limpando as rodas, amassando o barro, e ia treinando nas horas de folga. Aí até que um rapaz pediu pra sair do trabalho, que ele ia fazer uma cirurgia, aí me colocaram eu no lugar dele.

Ellen: Aham.

Élcio: Eu tinha 17 anos. Aí quando eu fiz 18, cheguei lá no escritório, eu recebi um pagamento, eu fui lá no escritório pra devolver o dinheiro, que era muito dinheiro. Aí eu cheguei lá, o cara falou assim, 'Senhor Élcio, você agora é de maior, você vai ganhar o salário de maior. Você não vai ganhar um salário de menor mais', e você agora é profissional, você não é... você é um profissional, aí você não vai ganhar mais o salário de ajudante'.

Ellen: Sim.

Élcio: 'Você vai ganhar o salário de oleiro'. Aí entrou o salário de oleiro, o salário que eu passei pra 18 anos, e o salário que eu já ganhava.

Ellen: Aham.

Élcio: Se fosse hoje, uns três salários mínimos.

Ellen: Aham, bom demais. Aí desde... tem quantos anos já isso, que você faz isso? Tem muito tempo, né?

Élcio: Eu comecei trabalhando na cerâmica com 13 anos, aí resolvi fabricar, eu já tinha 27 e agora tenho 72.

Ellen: Aí depois que começou a fabricar, aí você foi chamado pra vir pra cá? Aí você trabalhou aqui só depois disso?

Élcio: Não, eu corri todas as cerâmicas. Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Belo Horizonte. Aqui que eu parei.

Ellen: Você trabalhou em todos esse lugares?

Élcio: É. Cada cerâmica que eu trabalhei era um salário e uma linha de cerâmica.

Ellen: Ah, tá. Então são vários tipos diferentes?

Élcio: Se eu for sair daqui, trabalhar em outra cerâmica, vou fazer outra linha de vaso. E eu vim fazer no filtro de barro

Ellen: Ah, tá. Aí mas você começou fazendo filtro?

Élcio: É, esse aqui é o filtro que nós fazemos, bebedouro.

Ellen: Uhum.

Élcio: Aí aqui eu vim pra fazer artesanato.

Ellen: Ah, e cada lugar você fazia uma coisa diferente?

Élcio: No... lá no Rio de Janeiro era pote grande pra plantar.

Ellen: Aham.

Élcio: E em Vitória, fazia panela de barro pra cozinhar. E em São Paulo, fazia saramenha. Ali parece saramenha, mas é porcelana. Fazia porcelana.

Ellen: Aham.

Élcio: Quando eu vim de São Paulo pra Belo Horizonte, aí o proprietário, me chamou pra trabalhar aqui, eu vim fazer o artesanato. Que é uma linha portuguesa azul e branco e uma linha que chama saramenha, que a gente faz com cobre, chumbo... cobre, chumbo... manganês. Aí o manganês dá o preto. Na cerâmica aqui o preto. Esse aqui é um pote de ferro, ele dá um preto. O cobre, você cozinha o cobre e faz a tinta. Esse aqui é chumbo. Você arranca o chumbo, passa nele todinho e leva no forno. Quando leva no forno, ela vai sair essa cor, essa cor e essa cor. São três cores ao mesmo tempo. E eu ponho 200 peças no forno lá embaixo pra queimar na lenha. Quando chega aqui em cima, a menina que me ajuda põe 10, 12 peças cada fornada.

Ellen: Uhum. E esse aqui que é o forno?

Élcio: É. Esse aqui é um forno elétrico. Aqui quando ele forna, as peças não podem encostar na outra senão vai grudar. E lá na lenha, eu queimo lá a primeira queima, porque a peça é queimada duas vezes. Lá eu ponho 200 peças cada vez. Vem empilhando uma em cima da outra.

Ellen: Ah, e pode colocar junto? Pode encostar?

Élcio: Pode. Pode. Quando vem pra cá, ela passa o esmalte, leva aqui, aí não pode encostar uma na outra.

Ellen: Uhum. Ah, tá. Ah, se esmalta antes de vir pra esse forno elétrico? Depois que vai pra lá esmalta?

Élcio: Queima lá na lenha. Aí ela pinta e põe no elétrico.

Ellen: Ah, tá. Entendi. Aí você falou que você... mas tem diferença no tipo de...

Élcio: Aqui, ó. Essa peça tá molhada. Essa aqui tá secando, ó, e aquela como que ela muda de cor.

Ellen: Essa aqui não foi pro forno ainda não?

Élcio: Não. Aqui, essa tá molhada, essa tá seca, vai ir pro forno.

Ellen: Aham.

Élcio: Depois que eu tirar ela do forno, ela vai sair assim, ó. Desse jeito aqui.

Ellen: Ah, nessa cor aí? Sem nem pintar?

Élcio: É, do jeito que tá aqui. Aí depois ela vai pintar e vai pôr no forno elétrico. Aí ela vai sair igual aquela azul ali. Com a saramenha e o azul e branco. Aqui, ó, azul e branco.

Ellen: Ah, tá. Esse aqui é saramenha.

Élcio: Essa aqui? É, essa é saramenha. Esse azul e branco... esse aqui também é uma saramenha.

Ellen: Uhum.

Élcio: Então a... a saramenha ela é chamada de... uma linha que foi inventada muitos anos atrás, em 1800 e tanto, lá em Portugal. E aqui é essa linha aqui lá de Portugal, que chama cerâmica portuguesa. Azul e branco.

Ellen: É, essa aí.

Élcio: É.

Ellen: Aham. Entendi. E tem diferença do tipo de... é argila, né? Tem diferença?

Élcio: É argila. A argila é a mesma para as duas.

Ellen: A mesma? Uhum.

Élcio: Nós comprava argila aqui na região, ela tava rachando e dando um problema na hora da queima. Agora a nossa argila vem do Paraná.

Ellen: Ah, vem do Paraná… pensei que a argila era daqui da região mesmo…

Élcio: Não. Ela vem do Paraná, mas no transporte de lá aqui, ela fica dura.

Ellen: Ah, é... Que demora, né, a chegar.

Élcio: É, demora chegar. Às vezes demora até 15 dia, porque eles não faz uma carreta só. Fica esperando juntar três, quatro cargas pra trazer.

Ellen: Aham.

Élcio: Aí ela chega dura. Eu ponho aqui na água. Aqui eu jogo água e cubro, pra ela não secar mais ainda.

Ellen: Uhum. Nossa. Isso tudo aqui dentro é argila?

Élcio: É. Ela vem assim num saco plástico.

Ellen: Aham.

Élcio: Essa aqui eu tô jogando água pra ela amolecer, aí eu vou passar nessa máquina.

Ellen: Uhum. Aqui?

Élcio: É. Quando eu ligo essa máquina, eu boto o barro aqui dentro, aí, vai sair... vai sair aqui na boca do outro lado.

Ellen: Uhum. Aí aqui é pra amaciar ela, tipo assim?

Élcio: É. Eu ponho água e passo na máquina. Aí tira o ar, tira a impureza, mistura. Então esse é o processo da preparação do barro.

Élcio: E ali embaixo tem o forno.

Ellen: Aquilo ali é o forno?

Élcio: Vamos lá que eu te mostro.

Ellen: Tá, vamos lá.

Élcio: Esse grandão redondo… Nós só usa quando tem que queimar a peça grande. Veio uma pessoa lá de Pernambuco, de Tracunhaém. Sergipe, Pernambuco. Faz essas peças grandes assim... Que é leão, pato.

Ellen: Já vem pronta?

Élcio: Não, ele vem aqui e faz pra nós.

Ellen: Ah, tá.

Élcio: Depois ele vai embora. Aí eu queimo aqui dentro, nesse grande.

Ellen: Aham.

Élcio: Aí como agora eu não tô mais, nós não tamo mais fazendo peça dessa linha aí, tá fazendo dessa aqui, aí eu queimo aqui, ó. Eu entro aqui dentro. Eu entro aqui dentro.

Ellen: Uhum. Você usa escada?

Élcio: Pela escada, eu subo na escada. Aí o Gugu vai me entregando ou vice-versa, nós vamo enchendo. Daqui até aqui.

Ellen: Aham. Pra caber as 200, 200 peças que cê falou que cabe, né.

Élcio: É. Igual tá aqui, tá vendo esse processo aqui? Custa eu entrar aqui, aqui, aqui.

Ellen: Essa aqui já foi queimada?

Élcio: Não.

Ellen: Não?

Élcio: Tá aqui pra encarnar. E não pode fazer assim, ó, senão o fogo dá um tiro. Eu faço uma carreira assim, outra, assim, até aqui em cima.

Ellen: Ah, tá.

Élcio: Peças pequenas, médias e grandes. Aí eu ponho fogo embaixo. Tem, tem duas bocas pra colocar o fogo. O Gugu põe fogo aí, e eu ponho fogo nessa aqui.

Ellen: Aham.

Élcio: São 12 horas pra fazer uma queima.

Ellen: 12 horas?

Élcio: É. Eu tive que pôr essa tábua aqui por causa do cachorro. O cachorro passa aqui, quebra as coisas.

Ellen: Essas tão todas queimadas?

Élcio: Essas aqui já foram todas queimadas. A menina vai levar lá pra cima, vai pintar e por no forno elétrico.

Ellen: Entendi. E essa argila aí, também dá pra... igual, dá pra usar sem levar ela no forno ou só levando no forno mesmo?

Élcio: Não, a peça só fica pronta depois que ela passa no forno.

Ellen: Ah, tá.

Élcio: Se você não passar ela no forno, quando você for usar, se esbarrar ela quebra. Se molhar, ela desmancha.

Ellen: Ah... Porque eu já vi que tem gente que faz cerâmica fria, né. É diferente dessa aí.

Élcio: A cerâmica fria é uma cerâmica que não leva esmalte. É por isso que chama de cerâmica fria, igual essa aqui. Essa aqui seria uma cerâmica fria.

Ellen: Uhum.

Élcio: Na hora que eu passar a tinta nela, ela já passa a ser uma peça esmaltada.

Ellen: Ah, tá. Aí tem que ir no forno.

Élcio: Essa já foi no forno de lenha.

Ellen: Aham. Ah, tá. E agora ela vai para o forno elétrico.

Élcio: Agora ela vai para o forno elétrico.

Ellen: Você falou que as peças que são... elas só são vendidas aqui na cerâmica mesmo ou elas vão para outro lugar?

Élcio: Vai para o mundo inteiro. São Paulo, Rio de Janeiro... Tem peça que a pessoa compra e leva para o país dele, né, de fora… Portugal, Alemanha... Japão.

Ellen: E se você visse uma dessas peças em outro lugar, saberia que foi você que fez? Você consegue reconhecer?

Élcio: Consigo, porque... Essa linha só eu faço ela.

Ellen: É mesmo?

Élcio: Dá muito trabalho, ninguém quer ter trabalho, né. Então acaba que é só nós aqui.

Ellen: Aham.

Élcio: Tem no livro... Uma pessoa compra um livro, ensinando como fazer mas não faz, porque dá trabalho.

Ellen: É. E como que sabe que... quando tá no ponto certinho pra tirar?

Élcio: Ela sai da forma.

Ellen: Ah, tá. Ela endurece, né?

Élcio: É. Aí eu dou o acabamento pra ficar mais fininha.

Ellen: Uhum.

Élcio: E aí ela fica secando ali, pra levar pra lá.

Ellen: Uhum.

Élcio: Depois vai no forno lá, e volta pra cá, e passa lá na prensa e vai no elétrico.

Ellen: Ah, tá. Quantas peças mais ou menos você faz por dia, você sabe?

Élcio: Eu e o Gugu nós faz na faixa de umas 100 peças por semana.

Ellen: Hum, bastante.

Ellen: E aí você comentou que veio pra cá por causa do trabalho, e você….

Élcio: É, eu vim pra Ouro Preto pra trabalhar aqui na cerâmica.

Ellen: Aham. Mas você gosta daqui?

Élcio: Olha, gosto… gosto… E já acostumei também, né. Agora, eu gostando ou não, tenho que ficar aqui mesmo por causa da minha idade.

Ellen: Aham, entendi.

Élcio: Mas quando eu era novo eu não ficava não.

Ellen: Não queria não?

Élcio: Não, queria ficar andando. Aí eu cada hora eu tava num lugar.

Ellen: É, jovem, né?

Élcio: Acabei conhecendo o mundo inteiro, por aí afora.

Ellen: Ah, que bom, pelo menos aproveitou bastante.

Élcio: Aproveitei bastante.

Ellen: É, que bom.

Élcio: Agora eu vim parar aqui no Botafogo e é daqui pro cemitério.

(Fim da conversa)

Apêndice 5 - transcrição da entrevista com a Shirley

Local: Botafogo, Ouro Preto – MG
Entrevistada: Shirley (Moradora, ex-diretora de presídio, pedagoga e artesã)
Entrevistadora: Ellen Maria Fernandes Papa

Ellen: Quanto tempo que você mora aqui?

Shirley: Eu comprei esse terreno aqui em 2000. Já tem 26 anos que eu tenho essa propriedade, mas morar mesmo eu moro há 12 anos. Tem uma ligação aqui porque eu era catequista do Padre Simões. A primeira vez que eu vim aqui eu ainda era adolescente. A minha mãe fazia um serviço dentro da igreja com o Padre Simões, e eu lembro que até aqui foi o lugar que eu sentei a primeira vez. Quando eu era adolescente e a minha mãe entrou para a igreja para uma festa, eu sentei no murinho e fiquei olhando. Aqui não tinha esse calçamento, era só mato, era só uma trilha. Lembro que na época eu fiquei olhando, mal sabendo eu que um dia ia ter uma propriedade aqui e que essa seria a minha via de acesso.

Ellen: E a senhora era de Ouro Preto mesmo?

Shirley: Não, eu não sou de Ouro Preto. Eu nasci em Ponte Nova, numa fazenda lá no Pontal que era dos meus avós, e com dois anos eu vim para cá. Estudei, casei, foi tudo em Ouro Preto. Tive um tempo fora em São Paulo e Belo Horizonte, mas foi um lapso de dois, três anos, e depois retornei. Casei, tive duas filhas, e em 2000 comprei esse terreno do senhor Adair.

Ellen: Depois construiu e morou?

Shirley: Aí sim, nós ficamos um tempo com o terreno. Ele estava muito degradado, as pessoas tacavam fogo o tempo todo para pasto. Tivemos que cercar a propriedade e estabelecer limites. Quando foi em 2002, arrumei um caseiro que vinha todos os dias para demarcar o lugar que a gente ia plantar, fazer o galinheiro e a casa. Ficamos mais um ano e meio fazendo isso, depois fizemos uma casa pequena, com dois cômodos e um banheiro. Vínhamos todo final de semana, começamos a frequentar sempre. Na época, o senhor Milton era vivo, foi ele quem me indicou esse terreno. Como o senhor Milton é daqui, eu sei muitas histórias, porque ele e o Padre Simões me contavam. Eu era bem próxima deles. O senhor Milton trabalhava na associação e eu era catequista do Padre Simões. Eu me encantei com o terreno. É pequeno, mas é o que eu gostei, porque é um lugar que me dá tranquilidade. Sou muito ligada à natureza, embora tenha nascido numa fazenda, não cheguei a morar lá, vim para a cidade muito pequena. Meu pai foi funcionário da Alcan a vida inteira e eu tive minha trajetória dentro da comunidade de Ouro Preto. Fui referência de muitos assuntos e bandeiras que ninguém queria, por exemplo, a de trabalhar com presos encarcerados. Trabalhei por 12 anos com a doutora Lúcia e a promotora nessa questão de ressocialização, porque sou pedagoga. Quando me aposentei, resolvi vir de mala e cuia. Já tem 12 anos que estou direto aqui. Tinha feito a casa e, na pandemia, em 2018, trouxe meu pai para cá. Desocupei a casa em Ouro Preto e vim com tudo.

Ellen: Que bom. A senhora comentou das histórias, conhece muitas histórias. Tem alguma que te marcou bastante sobre Botafogo? Algum acontecimento?

Shirley: O Padre Simões contava muito. Um dia perguntei para ele por que aqui se chama Botafogo. Ele me contou a história dos espanhóis que moravam e trabalhavam aqui numa pequena mineração que depois foi interditada. O nome vem de muito antigo por causa da rocha, da canga que é muito vermelha. Ele falava que aqui era uma passagem de tropeiros, por isso fizeram uma capela na época, pois a tropa passava e tinha que parar por aqui. Antigamente se falava muito em colocar o nome do santo primeiro, que é a localidade: Santo Amaro do Botafogo, assim como é Cachoeira do Campo e Santo Antônio da Bocaina. Ele contava essas histórias e conheci também a família do Sr. Adair, que tinha uma propriedade aqui perto dessa área, nas Margaridas. Eram a dona Antônia e a dona Assunção. Elas faziam coisas e a que mais me marcou foi ver elas fazendo o óleo de mamona. Ela disse que era uma tradição da família, faziam para colocar na lamparina.

Ellen: Era feito aqui mesmo?

Shirley: Elas faziam. Um dia cheguei e vi uma panela muito grande no fogo com um monte de sementes, e ela disse que era só a mamona. Deixava cozinhar e depois vinha escorrendo o óleo com uma pena. Um processo muito trabalhoso. Eu até já falei que a gente tinha que encontrar alguém que fizesse esse óleo para filmarmos, porque é uma coisa que ninguém faz mais. Elas já morreram, e me contavam também a história do meu terreno. Morava um senhor lá que tinha problema de visão e uma filha. Elas mostraram exatamente onde eram as casas e tem as ruínas lá até hoje: a casa principal, a de um filho e a de uma filha. Eles viviam de consertar e alinhar ferradura de cavalo. Foram essas histórias que fui conhecendo ao longo da vida, mas o que me ligou mesmo aqui é a natureza. Quando achei esse terreno foi a coisa mais ideal porque pude construir a minha casa dentro da mata. Já saio e trombo numa árvore grande, vejo macaquinho pulando pelas árvores, veadinho que visita aqui. Temos um casal de veadinhos que vai lá no meu terreiro; quando eu tinha vaca, eles ficavam pastando junto. A gente conhece bastante a fauna silvestre daqui, é muito bonita.

Ellen: Tem bastante tucano aqui também, né?

Shirley: Gente, o tucano vai muito lá para o meu lado e ele come os passarinhos. Ele é um predador. É muito bonito, mas acaba indo nos ninhos e come toda a cria. Come todos os ovos, tudo o que é bicho pequenininho ele come.

Ellen: A senhora falou dos animais, fiquei sabendo que você chegou a ter mais de mil galinhas.

Shirley: Sim, eu criei, porque antes de ter esse sítio aqui, eu tive um em Amarantina e as minhas meninas eram bebês ainda. Na época ficava muito longe para ir e voltar, eu ia, deixava o caseiro e voltava, toda semana era uma peleja danada. Aí eu cansei, porque chegou a época de escola das meninas e tinha que arrumar as coisas delas, roupa e tudo, estava ficando muito cansativo para vir. Vendemos o

terreno lá e ficamos um tempo sem. Depois que as meninas já tinham saído do segundo grau e estavam na universidade, a gente resolveu comprar esse terreno. Compramos para ter como vir e ficar morando por aqui quando a gente se aposentasse, porque é um lugar tranquilo. Foi isso que aconteceu. Quando eu criava galinhas lá no Rancho Fundo, sempre tive muito apego a aves. Trouxe esse costume de como criar e manejar um plantel e resolvi fazer aqui. Tive muito mais de mil galinhas. Eu colhia mais de 100 dúzias de ovos por dia e vendia para as quitandas. Tínhamos uma clientela certa. Depois começamos a criar vacas. Criei vaca Jersey, fiquei com 28 animais lá. Mas machuquei o joelho no curral, um dia escorreguei no escoamento, e ficou difícil para ajudar o meu marido. Resolvi vender as vacas e falei com ele para darmos um outro olhar para o nosso trabalho, porque já não estamos tão novos assim para criar vaca.

Ellen: Eram só vocês dois para cuidar de tudo?

Shirley: Tinha uma pessoa que trabalhava com a gente, que era o Hamilton. Ele trabalhou com a gente duas vezes, depois foi para uma empresa, voltou, mas agora saiu e foi para a mineração. A gente não gosta muito de ter pessoas de fora lá. É muito difícil colocar uma pessoa estranha dentro de casa, isso a gente aprende quando é diretora de um presídio. Começamos a ficar mais resguardados. Como eu resolvi não criar mais as vacas, diminuí muito o plantel também. Hoje nós temos umas 400 galinhas, mais ou menos.

Ellen: Tem bastante.

Shirley: Tem bastante. Aqui eu também cheguei a ter mil galinhas, agora estamos com umas 400. Mantenho muita galinha solta para comer inseto, para não entrar aranha dentro de casa. Deve ter umas 200 soltas, elas ficam esparsas por todo lugar porque o sítio é muito grande. Com isso eu evito que aranha e escorpião entrem na minha casa, a gente nunca tem. E espanta cobras pequenas também, elas não gostam de lugar que tem galinha. As galinhas que produzem os ovos são manejadas, a gente solta um pouco de tarde e depois prende, elas vivem presas por causa dos morcegos. A vida inteira eu trabalhei muito, de manhã, de tarde e à noite ainda tinha atividades com associações de bairro, que exigiam muitas reuniões presenciais e me tomavam muito tempo. Por último, fui diretora do SINE e dos abrigos da criança e do adolescente como diretora de cidadania no governo do José Leandro, fiquei quatro anos com ele.

Ellen: Agora é hora de descansar, né?

Shirley: Pior que a gente não descansa nada. Faço um monte de coisas. Acho que se a gente tem vida e saúde, é para trabalhar e fazer as coisas. Na época, nós fizemos uma associação, mas no final acabei não tomando posse. Recentemente, a Líria juntou um grupo e fez uma associação. Eu não faço parte da diretoria, mas dou apoio nas questões de fazer coisas que precisam e que já tenho mais conhecimento e facilidade, sempre estou ajudando.

Ellen: E além da galinha, a senhora tem mais algum animal lá agora?

Shirley: Eu só tenho aves agora. Tenho pato, ganso, marreco e galinha. Não estou mais com as minhas vaquinhas. Estamos pensando em criar de novo, mas vou precisar ver, porque minhas filhas não ficam aqui. Uma mora no Paraná, é tenente da Aeronáutica, já tem seis anos que está nessa atividade. A outra trabalha no Fórum, é oficial de Justiça. As duas são formadas em Direito. Uma mora na minha casa lá em Ouro Preto e a outra casou e mora com o marido.

Ellen: E além dos animais, a senhora planta, tem plantação?

Shirley: Eu planto, tenho horta. Esse ano eu não fiz ainda, mas a gente vai voltar a plantar.

Ellen: O que vocês plantavam?

Shirley: Couve, alface, salsinha, cebolinha. A gente plantava chuchu, pimenta e muitas outras coisas. Fizemos muito isso. Na época, o Hamilton me ajudava muito, tínhamos uma horta muito bonita. Agora vamos preparar o lugar para começar antes da chuva do ano que vem. Já tenho as estufas, é só preparar e começar. Eu uso muito o que planto aqui em Botafogo. Como sou artesã, faço muita coisa. Colhia muita perpétua, aquelas lá de cima, que dão uma florzinha bonitinha, e marcela, que dá um cheirinho bom. Fiz muitos artesanatos com elas. Fazia uma corujinha e enchia com marcela para dar cheiro, e também travesseiros pequenininhos para perfumar a casa. Eu aproveitava bem o espaço. Além disso, fotografo todas as espécies que vejo na minha propriedade. Tenho o planejamento de fazer um herbário com as plantas medicinais que conheço, as que minha avó e minha mãe conheciam. Já tenho bastante coisa que andei plantando em vários lugares, depois é só transportar.

Ellen: E a senhora vendia o artesanato?

Shirley: Vendo, ainda vendo. Sou crocheteira. Faço crochê, bonequinhas e enxoval. Esses dias mesmo uma amiga encomendou quinze touquinhas de bebê, então estou crochetando. E sou muito boa na cozinha. [...] Faço conservas e geleias. Já fiz curso e tenho preparo para isso. Precisava fazer uma cozinha própria para essa produção.

Ellen: É bem legal isso das pessoas que produzem alguma coisa aqui fazerem algo para comercializar, uma feirinha…

Shirley: Sou filha de uma mulher que sempre fez muita coisa, uma artesã de mão cheia. Se eu não tivesse puxado ela um pouquinho, seria uma vergonha. Eu gosto muito de fazer isso. Hoje em dia, o crochê é o que mais faço, porque às vezes tenho muitas encomendas. O tricô eu faço quando é para bebê, como essas touquinhas. Costuro, faço bolsa, um monte de atividades manuais nessa linha de fios e tecidos. Não faço cerâmica, nunca me aventurei nessa parte.

Ellen: A senhora comentou também que era catequista, não foi?

Shirley: Fui catequista. Comecei com 14 anos de idade, como auxiliar no Pilar. O Padre Simões me pegou toda entusiasmada e depois me ascendeu para uma turma de preparação. Fui catequista desde os 14 anos até 1996, quando tive que assumir o presídio. Fizemos uma catequese lá dentro. O Padre Simões ia na cadeia visitar os presos e celebrar missa no meio deles, tem fotos disso.

Ellen: Eu cheguei a conhecê-lo, mas não tenho muita lembrança. Parecia uma pessoa muito boa.

Shirley: Ele era carismático demais e tinha uma voz forte. Do meu sítio eu ouvia a voz dele quando celebrava aqui nas festas. Fui catequista por muitos anos e também dei aula de ensino religioso no Arquidiocesano, já que sou pedagoga. Sempre fui funcionária do CEFET, que antes era Escola Técnica e agora é IFMG. Entrei no final de 1978 por um concurso simplificado. Depois, fui requisitada pelo tribunal, através da escola técnica, para fazer o trabalho de ressocialização com os presos. Fiquei 12 anos fazendo esse trabalho e, em seguida, fui ser diretora de ação social da Prefeitura.

Ellen: Então a senhora tem familiaridade com a capela, as festas de Santo Amaro…

Shirley: Sim. Eu vinha mais na época do senhor Milton, porque ele sempre me envolvia. Ele sempre pedia: "Estou precisando de cal para pintar o cemitério". Aí eu trazia. "Estou precisando disso, daquilo". E, como eu sempre tive caminhonete, às vezes trazia tudo para ele. Sempre estive envolvida. Agora o Ailton faz um trabalho aqui, está tudo direitinho, tudo bonitinho. Essa capela é um encanto, muito bonita.

Ellen: Quando eu era criança, eu adorava vir para cá e ficar brincando aqui no adro da igreja mesmo...

Shirley: Quando minhas filhas eram pequenas, às vezes eu vinha e a gente brincava aqui com elas. A gente também tinha um sítio e, depois que eu comprei este sítio aqui, as pessoas já passam direto para ir para lá.

Ellen: A senhora falou que costumava vir aqui quando a estrada ainda nem tinha pavimentação. Mudou muita coisa dessa época para cá?

Shirley: Olha, para falar a verdade, se eu olhar isso aqui, não mudou quase nada. Uma planta ou outra. Eu lembro do senhor Milton limpando isso aqui. A estrada só não tinha esse pavimento, era uma estradazinha de terra dali para baixo, mas tinha um calçamento em cima. A ponte e tudo mais são a mesma coisa desde que comprei. Agora, quando você olha lá de cima, vê que mudou um pouco por causa do processo da mineração. A serra já não está intacta, ela já foi laminada. Mas a região em si não mudou tanto, acho que foram as pessoas daqui que mudaram. Lá em cima eu tinha um vizinho que era o Branco, junto com a dona Leonora, mas eles venderam o terreno. Tinha também as Margaridas e o Marquinho, que já morreram. Então, algumas coisas mudaram porque as pessoas foram saindo.

Ellen: E não é um lugar que tem muita infraestrutura. Não tem iluminação direito, sempre foi assim?

Shirley: Essa é uma questão que deixa a gente muito triste, porque vemos que a gestão de prefeitos não cuida dos distritos. Sabe por que eu sinto isso? Fui chefe de cartório por oito anos. Produzi duas eleições sob meu comando: a de 2004, que era municipal, e a de 2008, estadual. Fui chefe de cartório porque fui requisitada, o tribunal pode requisitar as pessoas para trabalhar. Não tem um único lugar aqui em Ouro Preto que eu não tenha ido. Você vai me perguntar se eu conheço um lugarzinho desse tamanho aqui em Ouro Preto que é cercado por mineração e que virou um horror. Não era assim antes! E agora é mineração por todos os lados, tudo vermelho. Do que adianta asfaltar se vem a terra vermelha e cobre o asfalto? É terrível. Se alguém quiser ver o desastre que é uma mineração, é só ir lá. Eu conheço todos os lugares porque, como chefe de cartório, eu tinha que ir em cada distrito e localidade que tinha urna eleitoral para vistoriar o espaço. Além de ter participado de associação de bairro e ter ido a todos os distritos, participei de um processo chamado Justiça Itinerante. Um juiz, um promotor, um delegado, um assistente social e vários outros profissionais se uniam para fazer um trabalho. A cada mês íamos para um distrito resolver questões de pais que não registraram crianças, situações de abuso, denúncias... Formávamos um fórum no local e resolvíamos todas as questões. Quer uma maneira melhor de descobrir onde estão os problemas de Ouro Preto? Tenho certeza de que poucas pessoas que falam que conhecem Ouro Preto a conhecem tão a fundo quanto eu.

Ellen: Botafogo mesmo era um lugar que, até pouco tempo atrás, quase ninguém conhecia...

Shirley: E por quê? Um dia eu falei que você não acha a medalhinha de Santo Amaro. Ninguém conhecia nem Santo Amaro direito. Eu comprei mil medalhinhas e distribuí para muita gente. Por isso a gente tem que divulgar. A gente vai falar do distrito, mostrar que ele precisa de socorro e manter do jeito que está. Temos que fazer com que as pessoas entendam que não é birra. Eu gosto de mineração, ela traz economia. Mas vamos pensar: eu vou trocar uma coisa por outra que nunca mais vai se recuperar? A natureza, a fauna, a flora e a água nunca mais voltam. E você vê, eu estou aqui tentando arrumar um recurso para arrumar a minha estrada. O prefeito disse que a estrada está muito boa, mas não está. Eu não vou ficar falando isso para o prefeito, me poupe que eu não vou fazer isso.

Ellen: E é sempre tudo paliativo. Nunca é uma solução de verdade. A estrada está boa para eles porque não são eles que estão aqui no dia a dia.

Shirley: Tem uma comunidade que já nem existe mais, Miguel Burnier. Olha a situação de lá. Eu fui naquele lugar em 1982 e tinha gente morando, tinha de tudo. As mineradoras acabam com tudo. O que é que tem lá hoje? Tudo vermelho de pó, tudo triste. Coitada da igreja, estava horrível. Lembro que a gente ia lá com o Padre Mendes para visitar e conhecer os distritos. Nós éramos adolescentes e tudo era

muito maravilhoso. A gente via esses lugares e hoje percebe que as pessoas não têm muito cuidado. Essa mineração está do jeito que está por quê?

[...]

Ellen: A senhora comentou que não quer muito falar da mineração, mas sempre dizem que vai trazer melhora e emprego. Só que sempre tem um lado ruim também, na maioria das vezes não tem toda essa parte boa. A senhora tem medo de Botafogo se tornar um lugar abandonado igual a Miguel Burnier, que você acabou de comentar?

Shirley: Não é que eu tenha medo, isso é uma realidade. Veja bem o que é Botafogo: começa aqui no SESC e termina lá perto da Bocaina. É uma faixa cercada por duas serras, a Serra da Boa Vista e a Serra de Ouro Preto. Você consegue visualizar que nós estamos dentro da BR e da estrada da Boa Vista. Ali tem uma mineração, e aquela serra todinha, até perto do SESC, foi comprada pela mineradora. Pensa bem: se minerar aqui e minerar ali, o que sobra de Botafogo? Nada. Vai virar um buraco. A terra de um lado vem para cá, a terra do outro lado também, e o barulho de todos os lados se junta. O que de melhora isso traz para a gente? Uma vez veio uma pessoa do Estado, que nem se identificou direito, me parou com um carro e perguntou: "A senhora é daqui de Botafogo? Pode responder uma pergunta? Sabe das minerações que estão aqui?". Eu falei que sim, que sabia que são sete mineradoras. Ele perguntou o que eu achava, e eu respondi que acho péssimo. Ele questionou: "Por quê? Você não acha que vai trazer muito emprego?". Eu falei: "Quais empregos? Porque os empregos que vão dar para a população daqui de Botafogo são a ralé. Os empregos grandes, de bom salário, não vão ser para Botafogo". Ele ainda perguntou se não ia trazer melhoria, asfalto, luz, iluminação. E eu respondi: "Isso é responsabilidade de quem? É de uma mineradora? Não. Isso é poder público".

[...]

Shirley: Então, ele me perguntou o que ia me perturbar. Falei que, como estou na parte alta, vou ouvir barulho o tempo todo, principalmente da tampa do caminhão que bascula o minério e volta. A poeira vai me incomodar, porque vai começar a tomar conta de tudo com os carros passando. Vai secar a minha água, porque ali é o manancial. A água vai bater na canga, descer, entrar e encher o lençol freático, que é o que faz as minas brotarem. Sem esse processo, não tem água, ela vai secar. E quando secar, como vamos fazer para ela voltar? Não tem como. As árvores que foram tomadas pelo pó foram morrendo. Por onde a árvore respira? Pelas folhas, pela fotossíntese que aprendemos na escola. Ela vai morrer e secar. Falei para ele que a solução seria se conseguissem empacotar toda a poeira, fizessem o transporte via aérea e o corte com laser para não dar barulho. A mineração consegue fazer isso? Não consegue. Então não vejo o que aproveitar. Muita gente acha que temos que aproveitar o que a mineradora vai dar. Ouço muito isso na cidade, dizem que posso pedir para asfaltar. Mas não se asfalta área rural e isso não é responsabilidade de mineração, é da prefeitura.

[...]

Shirley: A gente pensa justamente na questão do que um pedacinho de chão pode ser no futuro. Meu avô ensinou que a gente tem que ter um pedacinho de terra. É um lugar gostoso de viver, onde você faz a sua vida e se programa. De manhã faço uma coisa, amanhã faço outra. Olho as galinhas... Atualmente só tenho galinhas, não tenho mais as vacas, mas no futuro nada impede de voltar a criar animais de novo, já que tenho o pasto e o curral prontos.

Ellen: E é uma coisa que está em risco, de certa forma. Daqui a uns anos, se for para frente, vai virar um buraco e as pessoas vão começar a ir embora.

Shirley: Fico olhando as pessoas dizendo que, quando não tiver nada, a mineração vai comprar o terreno. Vão comprar a preço de banana, porque eles nunca pagam o que se merece. Já falei que não sou contra a mineração, mas tem lugar que pode e lugar que não pode. Aqui é um lugar que não pode. Eles deveriam procurar outros espaços.

Ellen: E aqui é um lugar que tem muito potencial para além da mineração, muita coisa legal que pode ser feita.

Shirley: Muito potencial. Não sei se você já foi naquela serra ali em cima, é um lugar muito bonito. Daria para fazer um parque de observação maravilhoso. Veja Machu Picchu no Peru, lugares lindos que as pessoas saem de todo lugar do mundo para ver. Por que não manter aquilo ali e fazer um parque com entrada e restaurante? As pessoas pagariam para fazer trilhas orientadas. Isso traria dinheiro permanentemente. A mineração acaba e, embora possa durar muitos anos, não é o caso daqui, porque o terreno é pequeno e não vai durar muito.

Ellen: Mas aí tiram o que tem que tirar e nunca mais volta a ser o que era.

[...]

Shirley: É uma tristeza ver que você é uma menina jovem e pensar em que mundo vocês vão viver. Eu vejo minhas filhas e meus netos e me pergunto a mesma coisa. Uma amiga falava que a democracia é a coisa mais fantástica que tem, mas pode ser a pior também, porque muitas vezes se aprova algo por uma multidão que não tem o conhecimento adequado para decidir, e acaba estragando tudo. A gente tem que ter consciência e comparar a mineração de antigamente com a de hoje. Muita gente fala que antes já tinha mineração em Botafogo. Mas como era? Na base do martelinho e da picareta, tirava-se o necessário. Aqui não, aqui tiram até o último suspiro da rocha. Teve muita mineração em Ouro Preto, mas a cidade está em pé. Se deixar essa mineração avançar, não vai sobrar nada. Ela trabalhou pouco tempo e olha só como já devastou tudo.

(Fim da conversa)

Apêndice 6 - Declaração de IAGen e tecnologias assistidas por IAGen no processo de escrita científica

Durante a preparação deste documento, eu Ellen Maria Fernandes Papa, estudante de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo, declaro o uso da ferramenta IAGen Google Gemini para o auxílio na transcrição de entrevistas. Após o uso desta ferramenta, a pessoa autora revisou e editou o conteúdo em conformidade com os princípios éticos para uso de IAGen (resolução CONPEP 143) e com os acordos estabelecidos com a pessoa orientadora da pesquisa. Dessa forma, assumo total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

Etapas nas quais a IA foi utilizada:

- Transcrição de conversas e entrevistas.

Apêndice 7 - Aprovação do Comitê de Ética

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Modos de viver em Botafogo: uma análise das domesticidades, espaços e dinâmicas no território rural de Ouro Preto

Pesquisador: ANA PAULA SILVA DE ASSIS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 94085125.7.0000.5150

Instituição Proponente: Escola de Minas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 8.128.905

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivos da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa(PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2701546.pdf, de 19/01/2026.

Introdução:

A localidade de Botafogo representa uma realidade rural que foge das generalizações urbanas, sendo marcada por uma relação própria com a terra e por fortes laços de vizinhança. No entanto, é cada vez mais comum observar o apagamento de espaços rurais devido a pressões econômicas, à expansão urbana e à transformação dos modos de vida tradicionais. A justificativa desta pesquisa se assenta na escassez de estudos voltados para esta localidade no âmbito da Arquitetura e Urbanismo e na necessidade de produzir um conhecimento sensível sobre o lugar, que valorize o cotidiano e as práticas sociais como elementos centrais do morar.Esta pesquisa se propõe a investigar o espaço do Botafogo, com foco nas percepções dos próprios moradores. Compreender como a comunidade produz e ressignifica seu território, apesar das adversidades estruturais, é fundamental para a reflexão sobre um planejamento urbano mais inclusivo e atento às múltiplas formas de habitar.

Metodologia Proposta:

A metodoLogia trata-se de um estudo qualitativo e descritivo, focado no resgate de memórias, práticas e modos de viver na comunidade de Botafogo. Serão convidados a participar da pesquisa moradores adultos, residentes da comunidade e que concordem voluntariamente em participar através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A seleção dos participantes será feita por conveniência e também por meio de indicações dos participantes.A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, com base em roteiro em anexo, que buscarão coletar histórias de vida, percepções sobre o território, o uso dos espaços domésticos e a relação com a comunidade. As entrevistas serão agendadas em local e horário de conveniência do participante e, mediante autorização expressa no TCLE, serão gravadas em áudio para garantir a autenticidade da transcrição; caso o participante não autorize a gravação, serão feitas anotações manuais. Posteriormente, os áudios serão transcritos na íntegra e analisados, buscando identificar categorias e temas recorrentes.A pesquisa visa dar protagonismo aos moradores. Por isso, o participante terá a opção explícita no TCLE de autorizar ou não o uso de seu primeiro nome no trabalho final. Caso não autorize, suas falas serão tratadas com códigos (ex: Morador A) para garantir o sigilo. A análise dos dados será focada em valorizar as narrativas e identificar os temas culturais que definem o modo de viver em Botafogo. Processo de Consentimento: procedimento de obtenção do consentimento será realizado pela pesquisadora de forma presencial. Na abordagem inicial, a pesquisadora se apresentará como estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo na UFOP, e será explicado ao participante, em linguagem simples e acessível, os objetivos da pesquisa. Será enfatizado que se trata de um trabalho acadêmico para conclusão do curso, focado no interesse em valorizar as histórias, memórias e modos de viver da comunidade de Botafogo, e que a participação é totalmente voluntária. Durante a explicação, a pesquisadora solicitará autorização para gravar a entrevista, para fins de transcrição. Além disso, o participante poderá escolher se deseja ter seu primeiro nome mencionado no trabalho ou se prefere que suas contribuições sejam publicadas de forma anônima. Após a explicação, o participante receberá o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para leitura e assinatura.

Desfecho Primário:
A compreensão e a caracterização qualitativa dos modos de viver na localidade de Botafogo, estabelecendo a relação entre as narrativas de memória oral e a organização espacial das moradias. Espera-se, como resultado principal, demonstrar como a vida doméstica e as práticas cotidianas atuam como elementos centrais na construção da identidade local e na

permanência da comunidade no território.¿

Desfecho Secundário:
¿O registro documental das táticas de resistência e resiliência da comunidade frente às pressões externas (como a expansão urbana e econômica), identificadas através da manutenção dos laços de vizinhança e saberes locais. ¿O levantamento e a descrição das formas de uso dos quintais e espaços domésticos (domesticidades), contribuindo para o preenchimento da lacuna acadêmica sobre a arquitetura e o urbanismo deste território rural específico.

Tamanho da amostra no Brasil: 8

Objetivo da Pesquisa:
Objetivo Geral
Analisar os modos de vida na localidade de Botafogo, compreendendo como as práticas culturais e a memória se configuram como os principais elementos de produção, ressignificação e fortalecimento da identidade daquele território.

Objetivos Específicos
1. Registrar e analisar, por meio da abordagem de história oral, as memórias, narrativas e percepções dos moradores sobre o território, seus saberes e suas práticas cotidianas.
2. Analisar as práticas cotidianas e o uso social do espaço, entendendo como o principal repositório da cultura e da identidade local.
3. Identificar e documentar os laços de vizinhança, as redes de apoio mútuo e as práticas culturais que estruturam a coesão social da comunidade.
4. Discutir como o conjunto de práticas e conhecimentos locais se configura como uma estratégia de valorização e resiliência frente às pressões externas, contribuindo para o registro e a preservação de sua identidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
Riscos:
A análise de riscos e benefícios considera que os riscos associados a esta pesquisa são mínimos e pouco prováveis, visto que o roteiro da entrevista se concentra em histórias de vida

e memórias, não incluindo perguntas de natureza sensível (como saúde, finanças ou posicionamento político). Os riscos identificados são: Risco de quebra de privacidade, pois sendo Botafogo uma comunidade pequena, o uso do primeiro nome (mesmo que autorizado) torna o participante identificável pelos seus pares; Risco de desconforto emocional, ao relembrar histórias passadas ou memórias afetivas; Risco de fadiga, pelo tempo despendido na conversa. As medidas para minimizar tais riscos estão centradas na autonomia do participante. Para o risco de privacidade, a mitigação é a escolha explícita: o TCLE conterá um campo específico onde o participante decidirá ativamente se permite o uso do seu primeiro nome ou se prefere o sigilo total, sendo que a pesquisadora explicará verbalmente as implicações de ser identificado. Para o risco de desconforto, a pesquisadora conduzirá a conversa de forma sensível, e o participante terá o direito de não responder ou interromper a entrevista a qualquer momento. Para o risco de fadiga, a entrevista será agendada em local e horário convenientes.

Benefícios:
No âmbito acadêmico, os benefícios incluem o desenvolvimento do conhecimento e a contribuição para a comunidade científica através da produção de uma pesquisa focada nos modos de vida, domesticidades e memórias de um território rural. A pesquisa contribui para o aprimoramento de metodologias qualitativas que articulam a análise do espaço vivido com a história oral, gerando dados relevantes sobre o patrimônio imaterial e as práticas sociais que definem o lugar. Do ponto de vista social, a pesquisa contribui para trazer visibilidade à história, cultura e identidade de Botafogo. Oferece uma oportunidade de reflexão para os participantes sobre a importância de suas próprias narrativas e saberes. Além disso, ao registrar e valorizar essas histórias, o trabalho oferece um protagonismo aos moradores e fomenta o desenvolvimento da educação patrimonial e o fortalecimento do sentimento de pertencimento na comunidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
Trata-se de estudo nacional unicêntrico, com abordagem qualitativa. Caráter acadêmico, realizado a nível de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo. O estudo será realizado no Brasil e incluirá 8 participantes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
Vide item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Vide item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se da análise da resposta ao parecer pendente 8.078.512 emitido pelo CEP em 19/12/2025. Todas as pendências e inadequações apontadas foram sanadas, razão pela qual o CEP/UFOP manifesta pela aprovação do protocolo.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFOP, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12 e/ou Res. CNS 510/16, manifesta-se pela APROVAÇÃO deste protocolo de pesquisa. Ressalta-se ao pesquisador responsável pelo projeto o compromisso de envio ao CEP/UFOP, semestralmente, o relatório parcial de sua pesquisa e o envio do relatório final, encaminhado por meio da Plataforma Brasil, informando, em qualquer tempo, o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2701546.pdf	19/01/2026 13:26:13		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_assinado.pdf	17/01/2026 20:27:47	ELLEN MARIA FERNANDES PAPA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_assinado.pdf	17/01/2026 20:03:07	ELLEN MARIA FERNANDES PAPA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	17/01/2026 20:02:31	ELLEN MARIA FERNANDES PAPA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_assinado.pdf	24/11/2025 16:55:03	ANA PAULA SILVA DE ASSIS	Aceito
Declaração do Patrocinador	DECLARACAO_DE_FINANCIAMENTO_PROPRIO_DA_PESQUISA_assinado.pdf	24/11/2025 14:52:13	ANA PAULA SILVA DE ASSIS	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO_28ORIENTADOR_assinado_assinado.pdf	24/11/2025 14:49:00	ANA PAULA SILVA DE ASSIS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA_assinado_assinado.pdf	24/11/2025 14:48:34	ANA PAULA SILVA DE ASSIS	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

OURO PRETO, 21 de Janeiro de 2026

Assinado por:
Natália Caldeira de Carvalho
(Coordenador(a))

Endereço: Campus Universitário Morro do Cruzeiro, Rua Cinco, s/n, prédio do Centro de Convergência, andar Térreo,
Bairro: Morro do Cruzeiro **CEP:** 35.402-163
UF: MG **Município:** OURO PRETO
Telefone: (31)3559-1368 **E-mail:** cep.propp@ufop.edu.br